

AS SEMENTES DE SERVAS

Portas Abertas para a Paz



UMA LEMBRANÇA PESSOAL DOS PRIMEIROS DIAS DE SERVAS

BOB LUITWEILER

Richard Piro, Editor (do original)

Agradecimento

Este livro nunca existiria se não tivesse sido o constante encorajamento de Richard Piro e de Mary Jane Mikuriya. Durante muitos meses, Richard pediu-me para preencher os espaços em branco, com muita insistência. “ Como é que se sentiu com isso?” Os seus outros mantras eram: “Experimente, não observe”, e “Mostre-nos, não nos conte” Da dúzia original, assim as páginas cresceram - muitas vezes dolorosamente - transformando-se num livro. Consequentemente, como muitas vezes acontece, quando pessoas criativas se entrosam, as comunicações descarrilam. Mary Jane interveio e, por causa de sua aristotélica maneira de fazer perguntas difíceis, o que se havia deteriorado num manuscrito disperso, transformou-se num relato conciso e, esperamos, numa poderosa narrativa dos primórdios de Servas. A princípio a minha intenção era só relatar como eu tinha semeado as ideias de Servas, mas os verdadeiros fundadores de Servas foram pessoas dedicadas tais como Connie Thorpe, Esma Burrough e os outros de Birmingham, a equipa dos Construtores da Paz de Inglaterra e, claro, a avó Esther Harlan da Califórnia. Talvez, e tal como foi sugerido por alguns, este livro venha a constituir a primeira parte de uma autobiografia mais completa.

*Bob Luitweiler,
Bellingham, Washington*

NOTA DE EDITOR: Esta pré-publicação da edição em grupo *As Sementes de Servas* foi preparada para distribuição aos participantes da Conferência Nacional do 50º Aniversário de Servas dos EUA em São Francisco, em 31 de julho de 1999. Para obter informações sobre cópias adicionais, entre em contato com o escritório da NY Servas.

Copyright © 1999 by Bob Luitweiler

Cover graphic by Luvi Mortala, Servas Italy

Projetado e produzido por Richard Piro, San Francisco, 1999

Tradução para português: Alvany Santiago, Carla Kristensen, Claudina Machado, Isabel Chaves, Maristela Nardy, Silvia Steiner e Tere de Paula

Coordenação: Carla Kristensen e Alvany Santiago

Revisão do inglês: Silvia Steiner

Revisão Geral: Amélia Pedrosa

Paginação e grafismo: Carla Kristensen

Nota sobre a tradução

A versão em Português do livro *Seeds of Servas* de Bob Luitweiler, publicado originalmente em língua inglesa em 1999, foi realizada no ano de 2020, fruto da ação da Vice-Presidência de Servas Internacional, Carla Kristensen, membro de Servas Portugal desde 1986, e de Alvany Santiago, uma de suas assistentes, membro de Servas Brasil desde 2007. O projeto de tradução para a língua portuguesa está alinhado com a proposta de realizar atividades conjuntas entre Servas Portugal e Servas Brasil, bem como a expansão de Servas aos países lusófonos.

Carla Kristensen e Alvany Santiago se conheceram durante a Assembleia Geral de Servas Internacional em Mar del Plata, Argentina, em 2009, quando ambas representavam os seus países. A amizade se desenvolveu através de vários encontros da Organização em diferentes países - viajaram pela Índia, atenderam as SICOGAs na Polónia (2012), Nova Zelândia (2015), Coreia do Sul (2018) e, também, em Portugal, durante visita de Alvany Santiago, em 2018, quando reencontrou Isabel Chaves, na cidade do Porto e Claudina Machado, Presidente, à época, de Servas Portugal - Associação Portas Abertas, que a acompanhou a uma visita à famosa Escola da Ponte. Alvany reencontrou Claudina em Seul, e Isabel, durante sua visita ao Brasil, em Salvador da Bahia, em agosto de 2018, quando esta viajava com amigas. Foi criada uma equipe de voluntárias formada por cinco portuguesas e três brasileiras.

Nesta tradução para português destaca-se uma característica *sui generis*: assume-se o idioma português nas variantes de português de Portugal e do Brasil, conforme a usada por cada tradutora. No método de trabalho adotado, os diversos capítulos do livro foram distribuídos por cada tradutora. Cabe agora a quem o ler, descobrir e desfrutar de cada variante em que está escrito cada capítulo

A equipa:

Maristela é uma antiga amiga de Alvany, desde 1998, quando se conheceram em curso de inglês nos Estados Unidos. Tere de Paula é uma experiente e querida anfitriã Servas, e coordenadora de listas de Servas Brasil, e foi uma ótima oportunidade de desenvolvimento das duas, participando de um projeto internacional. Em Portugal, Carla lançou o repto a uma mão cheia de ativas e empenhadas associadas Servas Portugal: Isabel Chaves, Sílvia Steiner, Amélia Pedrosa e Claudina Machado, atualmente a trabalhar no Reino Unido. O desafio foi entusiasticamente aceite. Sílvia é tradutora profissional e auxiliou igualmente na revisão do inglês. Amélia assumiu a revisão geral da obra, com exceção desta mesma nota, cuja redação e revisão são da responsabilidade das coordenadoras do projecto.

Um agradecimento especial a toda a equipa, que abraçou este projeto com paixão, em torno do pensamento de Bob Luitweiler, percorrendo o mundo através do seu relato, criando momentos de reflexão, que se espera venham a ser reproduzidos noutros países, nomeadamente nos países lusófonos. Lembramos que este foi um trabalho realizado e concluído em tempos de pandemia, com as limitações impostas pela mesma, recorrendo por sistema à comunicação à distância, ao teletrabalho, que apenas retarda o dia em que esta equipa se poderá reunir algures no planeta Terra e, celebrar ao vivo a amizade e o oceano que nos unem!

Bob Luitweiler escreveu que era considerado por algumas pessoas um 'fantist'. Ainda bem que a fantasia de criar um mundo mais harmonioso e pacífico através de contatos interpessoais criou raízes e se desenvolveu em mais de 100 países. Por meio desta Associação, que acolhe todos de braços abertos, temos oportunidade de conhecer pessoas fantásticas e de crescermos como seres humanos.

Uma última palavra de apreço aos milhares de voluntários e voluntárias que, por todo o Mundo, dedicam tempo, energia e empenho para fazer Servas evoluir e atravessar fronteiras e oceanos, sem nunca perder os valores básicos que estiveram na sua génese.

As coordenadoras

Carla Kristensen e Alvany Santiago

Índice

Agradecimento.....	2
Nota sobre a tradução.....	3
Introdução.....	6
A chegada.....	8
Uma viagem prévia.....	8
Aprendendo com os excluídos.....	9
O Despertar.....	10
Uma cidade modernizada.....	11
Um país acolhedor.....	12
Um estudioso pelas estradas da Finlândia.....	13
Duas sementes de Servas plantadas.....	14
O Espírito Universal.....	15
Pacifista: ser ou não ser.....	16
Aprendendo os Movimentos Sociais.....	17
Escolas Superiores Populares.....	18
A educação de um Construtor da Paz.....	20
Alemanha: combatida, mas não excluída.....	20
Servas ganha vida.....	22
Sementes da guerra.....	22
Semeando as sementes.....	25
Burocratas suspeitos, britânicos simpáticos, americanos difíceis.....	27
Construindo pontes culturais.....	27
Terreno estéril.....	28
As múltiplas faces da opressão.....	28
Famílias grandes ainda existem.....	29
Vizinhos hostis.....	29
Criação de celeiro.....	30
Uma jóia num mundo de compartilhamento e medo.....	31
Cooperação sem coração.....	31
Fugir para novos mundos.....	32
Porto beduíno.....	33

Vagabundo entre os peregrinos.....	33
Paquistão.....	34
Aqui ao lado e mundos separados.....	35
A lógica indiana versus a lógica mecânica.....	35
O despertar espiritual	36
A terra de Gandhi	36
A primeira Conferência Internacional de Servas.....	40
O futuro de Servas.....	41
Concluindo	41

Introdução

Esta história não é apenas sobre o início de Servas, mas o despertar de uma mente em uma viagem terrestre, feita de forma tranquila da Noruega à Índia. Os confrontos com culturas divergentes substituíram as minhas lentes coloridas por uma visão, geralmente clara como um diamante. O aprofundar da consciência, fruto da imersão em diferentes estilos de vida, abalou as minhas convicções arraigadas.

As cores do arco-íris vieram iluminar a minha consciência, outrora cinzenta. Livre das amarras da minha educação e da mentalidade americana clássica, comecei a ver mais alto, com a perspectiva de um cidadão global.

A comunidade humana emergiu como uma mágica colcha de retalhos, de estilos de vida e modos de pensar e viver, um tapete único de inúmeros desenhos se desenrolando diante de mim. A transformação de um turista, que absorve vistas panorâmicas, para um viajante que busca ativamente as ideias centrais das culturas, acontece gradualmente. A princípio, as sutis mudanças de pensamento são imperceptíveis. Então, descobre-se que uma mente, outrora passiva mas aberta, desabrochou e se transformou em uma flor inquisitiva, sedenta de polinização.

Enquanto eu aprendia a ouvir com empatia, as pessoas mais humildes de cantos distantes do mundo se tornaram meus mentores, me puxando para o interior de extraordinárias salas de pensamentos e revelações. Eu não era mais um observador de visita que apenas espreita, mas um participante saboreando muitos modos de vida. Esta narrativa conta a história da viagem de um caminhante à procura, que não teve nenhum dos benefícios de uma rede de simpáticos anfitriões Servas ao longo do caminho. Mas as recompensas inimagináveis, as revelações e experiências enriquecedoras que vivi há 50 anos, estão aguardando todos os viajantes de Servas. Um viajante desperto é simplesmente ajudado ao longo do caminho por listas de anfitriões acolhedores. Essa é a parte fácil! Este relato descreve o desprendimento gradual de preconceitos e concepções, quando um jovem se permite envolver com as pessoas ao seu redor para sentir seus corações e seus anseios e conhecer até um pouco de suas almas.

Talvez por ser tão óbvio, eu nunca me senti superior a nenhum deles. Perfeitos estranhos me receberam como se eu pertencesse a sua comunidade. Com ações e não palavras, tentei alcançá-los com empatia e dizer-lhes o que sentia, que eram pessoas importantes e valiosas que tinham muito conhecimento para compartilhar comigo. O cientista ou jornalista que vê seus temas de estudo apenas como objeto constrói um muro em torno de si. As pessoas estudadas são assim vistas como peças de um quebra-cabeças, mais do que desejariam, pois se sentem mais como familiares.

Muitas vezes fui tratado como um filho voltando para casa depois de uma longa jornada. Até o policial de Escócia, que tinha a tarefa de me prender, acabou me convidando para ser seu hóspede, na sua casa. Um chefe de polícia da Tunísia, onde me prenderam por caminhar em uma zona de guerra, me convidou para tomar chá. Esta história, em outras palavras, é a história de três viagens em uma: plantando as sementes de Servas; aprendendo sobre movimentos sociais especiais; e a descoberta do valor que resulta de me perder entre pessoas estranhas que, de imediato, deixaram de o ser. Olhando agora para trás cinquenta anos, meu coração transborda de alegria ao lembrar as gentilezas, a consideração, a paciência e a generosidade que encontrei, quase diariamente, como errante em busca. Chame isto de peregrinação ao interior da alma humana, se quiser.

Meu templo foi o mundo; meus companheiros a família humana; minha bíblia os sermões da vida das pessoas de todos os estratos sociais. Esta história cobre apenas a viagem de ida e volta à Índia, o primeiro capítulo da vida daquele que procura. Desde que Servas começou, muitos outros tiveram aventuras semelhantes, cada um com a sua própria busca. Que experiência poderia ser mais gratificante do que uma peregrinação à alma da família humana? Quase 15.000 anfitriões¹ em todo o mundo, estão esperando para colaborar em sua jornada de descoberta.



Bob Luitweiler, por volta de 1948



Mary Jane Mikuryia, representante da Carolina do Norte, com Bob Luitweiler, por volta de 1999

A chegada

A varanda do navio estava lotada de viajantes jovens que se aproximaram para desfrutar da primeira visão da Europa, enquanto nos dirigíamos para o fiorde de Oslo, naquela brilhante manhã de domingo de junho de 1948. As pessoas saíram correndo de seus pequenos *cottages* para nos acenar alegremente, e nos fizeram sentir como se estivéssemos retornando para casa. O contraste com a nossa breve parada em Southampton foi impressionante. Lá, tivemos que ancorar no porto, porque todos os cais estavam destruídos. Eu olhava incrédulo o esqueleto da antiga catedral e o emaranhado de vigas de aço de prédios mais novos, que parecia que algum poder sobrenatural torcera, junto com a fúria de uma criança birrenta destruindo seus brinquedos em frustração irracional.

A visão do caos levou meus pensamentos de volta às bombas que atravessavam o Canal da Mancha zumbindo e ao grito de pessoas sob os prédios em chamas e em ruínas. A pitoresca costa norueguesa aparecia como um mundo mais gentil, de modo algum a Europa em guerra que esperávamos. Para muitos de nós, foi como aterrar em um país de contos de fadas. Nenhum cartaz feio, nenhum tráfego estrondoso de automóveis, nem carros abandonados ou resíduos de indústrias clandestinas estragavam a paisagem.

O centro de Oslo era uma cidade limpa e aconchegante, com avenidas, ruas estreitas e pequenas lojas amigáveis. Ainda mais impressionantes foram as pessoas saudáveis de todas as idades, que pareciam poder caminhar por 16 quilômetros sem nenhum esforço. No sábado, o grande ônibus mal podia atravessar a multidão de ciclistas que lotavam as ruas estreitas da cidade de Oslo.

Sem tanto carro, parecia que toda a cidade tinha ido para um luminoso fim-de-semana de verão no campo, alguns para cabanas de pastor, outros para casa de primos e familiares, muitos para acampamentos. Depois de alguns dias, comecei a sentir uma afinidade com esses orgulhosos amantes da natureza que, apesar de sua aparente reserva, conservavam e apreciavam suas florestas, fiordes e milhares de ilhas costeiras. A deles não era uma sociedade louca por consumo, com encostas de montanhas desertas e desmatadas e *resorts* tapando a praia.

Uma viagem prévia

Assim começou minha segunda visita à Europa, que mudou a minha vida. As experiências da minha primeira viagem ainda permaneciam muito vívidas. Lembrei-me de como aquele pequeno navio de carga havia sobrevivido naquele mar agitado de fevereiro, quase jogando alguns passageiros no mar. Mas não foi o navio que me revirou. Alguns meses na Suíça, estudando francês, abalaram minha complacente mentalidade americana. Estar com jovens campistas de toda a Europa abriu meus olhos. Os resultados do futebol e das corridas de carros estavam muito distantes de suas mentes.

Uma garota francesa do ensino médio se apresentou perguntando: “Quais as suas ideias políticas?” Então meu francês limitado a levou a explicar: “Certamente, você deve ser socialista, de direita, comunista ou anarquista!” Quando eu disse a ela que acreditava na democracia, já que eu mal entendia aquelas ideologias políticas, ela desistiu. Ainda hoje vejo a expressão de dor no rosto de outro campista de Itália, quando lhe perguntei sobre Mussolini. Meu colega de quarto de 16 anos foi chamado de volta a Espanha, para lutar na revolução espanhola.

No caminho para casa, passei pela reluzente Alemanha, onde até os meninos búlgaros do albergue da juventude usavam uniformes de suástica e faziam a saudação a Hitler quando entravam. Na época, eu não fazia ideia de que estava vendo a Europa à beira de outro massacre. Percebi, no entanto, como tive uma infância protegida e quando voltei para casa, como meus colegas do ensino médio estavam isolados do mundo. Contudo, cada mudança abalou o meu pensamento preparando-

me para ver além das aparências, enquanto eu viajava muito lentamente da Escandinávia para a Índia nessa minha segunda viagem ao exterior.

Aprendendo com os excluídos

Em 1942, como um "Objetor de Consciência" ² inspirado em Gandhi, eu havia recusado a convocação para servir na II Guerra Mundial. Eu me opus, não apenas a lutar e matar, mas também me opus ao governo, que assumia ter o direito de forçar jovens a se matar entre si. Existem maneiras melhores e mais eficazes de parar o despotismo do que a violência bárbara da guerra. Encontrar outras abordagens foi mais um dos objetivos dos meus estudos de campo. Eu escolhi encarar o período na prisão como um presente do governo dos EUA, um seminário residencial em criminologia com todas as despesas pagas, incluindo alojamento e alimentação, e centenas de sujeitos ansiosos para serem entrevistados. Para um andarilho e amante de espaços abertos, o confinamento não era nenhum piquenique. Lembro-me de olhar através das barras da cela para as bonitas colinas de Connecticut e sonhar como seria caminhar nelas. No entanto, fiquei satisfeito em transformar a experiência em aprendizado, ao invés de lamentar o meu confinamento. Os guardas pareciam irritados com a minha alegria, pois esperavam que estivesse arrependido e me sentindo castigado.

Mas fiquei muito irritado quando vi homens andando de um lado para o outro da cela, como animais enjaulados. Como é possível, para um país que afirma ser livre e civilizado, manter os seres humanos enjaulados? Alguns presos, frustrados, tentaram suicídio nas duas prisões onde cumpri minha sentença, apesar de serem instituições modelo. Dois anos em duas instituições correcionais federais diferentes (Oanbury, em Connecticut, e Ashland, em Kentucky) nunca "me corrigiram", mas me transformaram em um determinado ativista social.

Tive a oportunidade de conviver e me tornar amigo dos marginalizados de nossa sociedade. Eles eram filhos de imigrantes pobres, trabalhadores agrícolas indigentes de Porto Rico, afro-americanos criados em favelas, contrabandistas de licores de Kentucky e alguns bem-educados artistas de rua.

As histórias das vidas destruídas desses marginalizados, que haviam roubado o governo muito menos do que os funcionários do governo, dariam um livro de cortar o coração. Unirmo-nos para ver o mundo através de seus olhos, foi uma revelação para todos os objetores de consciência socialmente preocupados. Ficamos abalados ao ver como nosso país rico abandona muitos de seus pobres e minorias e como desperdiça milhões de dólares punindo-os. Ajudá-los a se adaptar à vida produtiva custaria muito menos e expressaria um sentimento de compaixão, em vez de punição. Igualmente valioso era viver entre as mentes criativas de outros objetores de consciência, que eram líderes em suas áreas. Muitos eram visionários em vários campos da educação e mudança social - agora todos criminalizados por um governo violento.

Digna de nota foi a maneira como transformamos nossas vidas nas prisões em atividades construtivas. Livros famosos foram escritos ilegalmente e contrabandeados pelo portão dos fundos. Arnold aperfeiçoou seu árabe enquanto caminhava com um preso árabe no pátio e depois se tornou diretor de uma escola de idiomas no Oriente Médio. Bill, ou seria seu irmão Fred, começou seus estudos em medicina no hospital da prisão. Fran aceitou o trabalho noturno de vigilante dos geradores para estudar isoladamente, como um monge, em sua cela. Ele se tornou um conhecido educador religioso. Bob e Steve tornaram-se carpinteiros e construtores, partindo da sua experiência em construção na fazenda. Jim, um pastor na vida real, tornou-se pastor dos outros presos.

Outro pacifista tentou organizar os guardas em um sindicato. O afro-americano Bayard surpreendeu os analfabetos racistas Kentuckianos, com seus talentosos cursos de alfabetização no

departamento educacional. Aprendi esperanto com um livro, e depois comecei a dar aula de esperanto. Então iniciei um seminário de sociologia, em que convidamos outros presos a serem casos de estudo. Adquiri uma experiência valiosa, trabalhando na fazenda e nos detalhes da construção. Como zelador aprendi a limpar rapidamente o dormitório de 50 camas e o banheiro, para ter mais tempo para estudar. A vida lá, para muitos objetores de consciência, foi um seminário espontâneo e estimulante em que nos usamos uns aos outros como recurso do estudo. Para alguns prisioneiros, é uma escola de crime. Para nós, tornou-se uma educação que desperta para a vida. São inúmeras as descobertas criativas feitas pelos presos.

Um inventor pacifista em outra prisão, fez uma torradeira elétrica pop up, enquanto estava confinado em solitária, com materiais que ele retirou do armário das vassouras. Conseguiu sair da sua cela e entrar no armário com as chaves que fez, achatando e depois esfregando colheres nas pernas da cama. Também gosto da história do artista que fez escultura enquanto estava na solitária, onde nos tiram tudo o que temos. O “buraco”, como os presos chamam, é o segundo nível de destruição da vontade de um homem. O artista fez esculturas com a papa de aveia do seu café da manhã e papel higiênico limpo. Contudo, os líderes sociais do lado de fora não são embalados para dormir quando encarcerados. Os guardas da prisão ficavam encurralados entre presos racistas e pacifistas anti segregação. Primeiro, fomos autorizados a ter áreas de alimentação inter-raciais. Depois, pressionamos pela dessegregação nos dormitórios. Como se isso não bastasse para os guardas, todos os erros da administração penitenciária vieram à tona, através de perguntas desconfortáveis feitas no Congresso dos Estados Unidos.

Nossa correspondência foi censurada e nossas visitas limitadas, mas a notícia se espalhava rapidamente através de pessoas preocupadas e politicamente ativas. Em Lewisburg, Pensilvânia, diz-se que o diretor se tornou muito cauteloso com a maneira como tratava os presos. A população carcerária estava tão bem organizada, que qualquer ação injusta que ele fizesse poderia resultar em uma greve geral não violenta na prisão. Dizem que outro diretor da prisão federal comentou: “Oh, que saudades dos bons velhos tempos de contrabandistas e assaltantes de bancos, quando não tínhamos que lidar com esses malditos objetores de consciência”.

O Despertar

Se alguém tivesse me dito, enquanto nosso navio se dirigia para a Noruega, que eu estava destinado a plantar sementes que se tornariam um movimento mundial, eu teria rido. Nada poderia estar mais longe da minha mente. Eu não havia retornado à Europa para ser turista, mas em busca de aprendizado. A Finlândia seria o meu primeiro “seminário”. Demorou menos de um ano no Antioch College, seguindo ao meu encarceramento como objetor de consciência, para perceber que a sociologia poderia ser melhor aprendida com a vida do que na academia, por mais qualificados que fossem os livros e os professores. O aprendizado meramente acadêmico era artificial, indireto e muitas vezes fora de contato com a dinâmica do mundo das pessoas - trabalhadores, minorias, refugiados e sociedades em rápida mudança.

Eu me inscrevi no curso que chamei de Dinâmica Social. O que faz as sociedades florescerem e o que leva outras a se desintegrarem? Quais são as principais causas de injustiça, marginalização social e preconceito, que levam à guerra? Mas eu queria especialmente conhecer os movimentos que conseguiram despertar uma forte consciência social, nos cidadãos. Eu procurava fundações credíveis para uma sociedade democrática e pacífica. A experiência e o estudo dos movimentos sociais me convenceram de que essa era a melhor maneira de construir um sistema social mais justo.

Para o meu plano de estudos nesta viagem, eu planejava estudar três movimentos em profundidade: as Escolas Superiores Populares (*Folk Hight Schools*)³ da Dinamarca, que

demonstraram uma abordagem educacional para o despertar da responsabilidade social, na juventude rural, por quase um século; os Kibutzim Israelenses por sua vasta experiência com a vida comunitária; e o Movimento Gandhiano para ver se teve sucesso ou fracasso em espalhar a filosofia da não-violência na Índia.

Mas esses objetivos acabaram sendo apenas alguns pontos altos em uma viagem de quatro anos à Índia. Como se viu, eu estava indo para uma educação abrangente da vida, que incluía, entre outras coisas, sociologia, ciência política, etnologia, linguística, economia e psicologia cultural.

Ao contrário dos outros passageiros, principalmente estudantes universitários no passeio de verão, eu tinha uma missão especial. A primeira viagem foi para mim um batismo no mundo maior. Isso me deu uma perspectiva diferente. Participar das reuniões dos *quackers* concentrou minha preocupação com a paz, fortalecendo minhas convicções de que um mundo livre de guerra era possível. Depois de um ano no Antioch College, juntei-me a alguns outros estudantes para começar uma pequena fazenda cooperativa, que cultivava mais ideias que cereais.

Eu já havia trabalhado como trabalhador estrangeiro, colhendo feijão em Aorida, e aprendi muito mais do que dois anos de livros e palestras de sociologia me teriam ensinado. Trabalhei e vivi como migrante e simplesmente ouvi as histórias e mágoas dos outros trabalhadores, enquanto trabalhávamos lado a lado. Eles não tinham ideia de que eu estava lá para aprender com eles e não para ganhar 25 centavos por hora no controle de qualidade ou 25 centavos por colher uma certa quantidade de feijão-verde.

Antes de sair de casa, aprendi um pouco de dinamarquês imitando os sons guturais em uma gravação de idioma, até sentir dor de garganta. Infelizmente, quando pedi instruções, minhas frases pareciam tão autênticas, que as pessoas da região pensavam que eu era dinamarquês. Como todos os dinamarqueses instruídos entendem o norueguês de Oslo, eles responderam em norueguês rápido, nenhuma palavra do qual eu pude adivinhar. O melhor que pude fazer foi seguir na direção em que apontavam. Então, assim que virava uma esquina, perguntava novamente.

Depois de uma semana em Oslo, nosso grupo de americanos pedalou pelo Fiorde de Oslo, e atravessou as amplas e abertas pastagens da Suécia. Um dia, de repente, ficamos surpresos ao ver um barco a vapor liliputiano se materializar no pasto diante de nós. O minúsculo navio, espremido pelos túneis e viadutos, parecia mais um passeio no parque de diversões do que o navio de cruzeiro de passageiros que era. Sem hesitar, compramos as passagens e logo deslizamos silenciosamente por campos imaculados, com borlas de grãos escovando os dois lados. Em alguns lugares, olhávamos centenas de metros para estradas que passavam debaixo de nós. Parecia que estávamos flutuando no céu.

Uma estrada quase sem carros, frequentes lagos cristalinos para nos refrescar, e albergues da juventude para todas as noites, fizeram da viagem o paraíso dos ciclistas

Uma cidade modernizada

Velejando para Estocolmo, com os seus brilhantes edifícios reluzindo com o sol e crianças nuas a brincar nos parques e fontes, fomos transportados para uma outra cena mágica. O albergue da juventude era na zona histórica, onde ruas estreitas se contorciam por entre edifícios medievais, esculpidos à mão. As pontes estendiam-se por canais de água limpa, que corria serena ligando a vila antiga a outra ilha e ao continente. Aconchegada no albergue, a vila antiga era como uma aldeia num conto de fadas. Cada edifício era uma criação artística de uma era em que os artesãos, orgulhosos das suas habilidades técnicas e com um forte sentido de beleza humilde, esculpiram um pouco das suas almas nas molduras das portas e janelas de cada casa e loja. Estocolmo era um contraste de culturas e ideologias políticas, numa nova e velha cidade com monumentos de um império aristocrático num dos lados, e de socialismo igualitarista no outro. Nas traseiras dos

enormes edifícios governamentais de um período anterior, existiam longas ruas repletas de apartamentos todos iguais. As ruas estavam inundadas de minúsculos apartamentos, incapazes de acomodar a enchente de famílias deslocadas das zonas rurais de todo o país para a área da cidade nova, recentemente industrializada. Os meus amigos dos serviços sociais queixavam-se que o governo tentou modernizar a vida familiar, criando atividades especiais para as crianças, outras para as mães e outras para os pais e, ainda, outras para os idosos. Estas pessoas dos serviços sociais recebiam que os programas dividissem as famílias. Quando mais tarde perguntei a um professor de ciências sociais acerca desta tendência, ele pareceu-me nunca ter pensado no assunto.

A afluência era tão urgente, que as famílias tinham que esperar cinco e seis anos para conseguir um apartamento a abarrotar. As crianças eram colocadas em hospitais infantis quando tinham sarampo, papeira, ou outras doenças infantis, para não infectar as outras crianças em casa. Os minúsculos apartamentos não podiam comportar um outro membro da família. Quando uma família me recebeu como hóspede, por uma noite, dormi num tapete com os meus pés na cozinha e a cabeça no hall de entrada, onde as pessoas tropeçavam em mim ao passar.

Um país acolhedor

Depois da minha última companhia ter regressado aos Estados Unidos, arranjei um emprego na casa de uma família dinamarquesa. Trabalhar numa quinta, no período das colheitas, permitiu-me alcançar outro patamar de conhecimento da vida na Escandinávia. Visto que ninguém na quinta conhecia uma palavra de inglês, tive muita prática em falar dinamarquês. Compreendi o significado da palavra anglo-saxão quando descobri que este dialeto rural tinha muitos termos mais próximos do inglês do que o dinamarquês de Copenhaga, que eu tinha aprendido através das minhas gravações.

Os trabalhadores externos viviam todos com a família, era uma prática comum naqueles dias. Embora todo o trabalho fosse feito com a força dos braços ou com cavalos, com exceção da máquina trituradora no celeiro, o seu ritmo de trabalho era tão calmo e pausado que não ficávamos extenuados ao fim de nove horas de trabalho nos campos das colheitas. Fazer este trabalho na quinta, de facto, pagou a minha aprendizagem da língua dinamarquesa. Os meus anfitriões divertiam-se sempre que eu queria ir para a cozinha ajudar a lavar a loiça e também sempre que usava a nova recém-instalada retrete, em vez de ir para trás das vacas como todos os homens faziam. Ficava horrorizado ao ver, depois de um agradável jantar num dia de colheitas, todas as sobras dos vegetais, que tinham sido cultivados para a celebração, serem atirados às vacas. As nossas refeições voltaram a ser somente de carne e batatas. Desta forma, fica-se com uma melhor ideia da vida familiar, mesmo quando só se trabalha por duas semanas, do que se tivéssemos feito uma visita de dois dias.

Num final de dia, durante o jantar, a filha de 4 anos começa a brincar com o cabelo da irmã de seis anos. A irmã mais velha desviou gentilmente a mão da mais nova. Eu retive a respiração, pois esperava uma reação de conflito, tão frequente nas famílias americanas. O pai numa voz firme só disse “Pára com isso”. Um pequeno incidente sem importância, mas que na minha opinião importa mencionar porque, durante todo o tempo que passei na Dinamarca, só vi um único conflito sério entre crianças ou entre pais e crianças.

Durante os meus muitos anos de viagem, observando várias culturas e modos de vida, descobri que, observando discretamente a resolução de conflitos entre pais e filhos, podemos ter uma extraordinária ideia da psicologia que se pratica numa comunidade. Pequenos incidentes que acontecem refletem a mentalidade da comunidade, a mentalidade democrática ou autoritária, a sua preferência pela violência ou gentil persuasão, a sua paciência ou temperamento impulsivo. Até

parece que há uma correlação entre o modo como estes pequenos incidentes são resolvidos e o tipo de governação do país – a não ser que seja um país com muitas culturas em conflito.

Os estrangeiros que pensam que os Escandinavos são todos muito parecidos, não podiam estar mais equivocados. Os Suecos são muito boas pessoas quando os conhecemos melhor, são pessoas de confiança em todos os sentidos, e verdadeiros inovadores industriais, que se preocupam com o bem comum das suas comunidades, as suas gentes e o ambiente. Por exemplo, embora tenham um nível de vida *per capita* mais alto do que os Americanos, os suecos usam menos energia por pessoa. Talvez eles se tenham tornado tímidos e nem sempre flexíveis porque eles viveram muitas gerações distanciados uns dos outros, e num país periférico do norte da Europa. Os seus primos dinamarqueses, por outro lado, que viveram de uma forma mais próxima uns dos outros, num país com uma agricultura intensiva e em aldeias compactas, são das pessoas mais simpáticas e extrovertidas do mundo. Por exemplo, num dia de chuva quando estávamos à procura do albergue da juventude onde nos podíamos trocar e secar, uma jovem a quem pedimos indicações de estrada, disse-nos que o tio dela, um juiz, queria nos convidar para a casa dele. Trocamos a nossa roupa molhada e cheia de lama e tomamos um chuveiro de água quente na sua elegante casa de banho. De seguida apreciamos um chá com a família, como se fôssemos velhos amigos. Os dinamarqueses chamam-lhe país acolhedor. Nesses tempos, era realmente.

Um estudioso pelas estradas da Finlândia

Quem imaginaria que atravessar da Suécia para a Finlândia, numa tarde triste de outubro, pudesse abrir a mente de alguém para um novo e duradouro reino? Não foi nenhuma descoberta rápida, nenhuma revelação repentina, mas um ranger de uma porta que se abre muito lentamente. A vista a partir do comboio, que se movia lentamente através de uma paisagem descaracterizada de campos congelados e edifícios sombrios, cobertos por um véu de chuva miudinha, não alterou o meu estado de espírito. Mas, despertou-me para um nível mais profundo de inquirição, de tal forma que enriqueceu a minha vida desde esse dia até agora. Desde então, as pessoas que encontro e os lugares que visito, ou um instantâneo para a foto do álbum, são mais do que uma experiência agradável. Cada pessoa é outra peça da imagem do *puzzle* do nosso mundo complexo. A desordem toma forma. As experiências parecem menos casuais. Elas encontram uma posição lógica no quebra-cabeças. A vida no nosso planeta aparentemente discordante está inter-relacionada. Cada mudança, construtiva ou destrutiva, tem as suas causas e efeitos importantes para toda a vida. Eu agora prezo a emoção de conhecer, pelo menos um bocadinho, o interior de uma sociedade diferente, e descobrir a interação holística nessa sociedade e com o resto do mundo. Esse é o tipo de enriquecimento que se perde quando nos movimentamos depressa demais.

A mentalidade rara dos finlandeses começou esta mudança na minha perspectiva de vida. Eu já não podia dizer, como disse acerca de outros países escandinavos: “aqui eles são como são”. A sua unicidade obrigou-me a ver mais além, a questionar o que os fez ser dessa forma. A busca pela profundidade das coisas da vida, que começou na Finlândia, continuou pelo resto da minha vida, porque abriu os olhos da minha mente. Gradualmente, fui apreendendo uma quantidade de níveis diferentes de compreensão que podemos conseguir de uma visita a uma comunidade. Existe a imagem turística do cartão postal com pessoas em trajes coloridos fazendo coisas interessantes. Estas pessoas são para os turistas somente parte da paisagem. Adquirimos um conhecimento mais profundo ao falar com algumas pessoas acerca dos seus costumes. Os viajantes sortudos são convidados para uma casa, e talvez consigam ficar com uma ideia superficial da vida de uma família e pensar que ele ou ela aprenderam alguma coisa. Mas há muitos níveis profundos de compreensão. É fantástico ouvir falar da evolução da vida da comunidade, os seus esforços para emergir, as suas dificuldades para sobreviver, os seus orgulhos e visões, os seus conflitos raciais e

de classes e os seus esforços para os ultrapassar. As lembranças dos mais velhos dão origem a visões de tempos anteriores. Os sonhos dos mais novos podem revelar o futuro - porque eles sugerem como a sociedade deles se vai desenvolver. Gradualmente, aprendemos o suficiente para nos colocarmos no lugar de um estrangeiro e ficarmos com uma vaga ideia dos seus sentimentos. Quando isso acontece, eu sei que estou a começar a ver o interior da comunidade deles. As recompensas são ainda melhores quando eu aprendo algo que se torna parte do meu modo de vida ou é útil para a minha própria comunidade, no meu país.

Estes conhecimentos tiveram início durante a experiência finlandesa. O hábito de aprender foi crescendo através dos anos até hoje e, embora tenha 80 anos, não há um dia que passe sem que eu aprenda algo de um estrangeiro. Cada novo conhecimento obtido através de uma espontânea e amigável conversa com estrangeiros, acrescenta sempre algo à nossa vida complexa.

Nessa altura a Finlândia estava sob uma enorme dívida à União Soviética. Os finlandeses lutaram para manter terra perto de Leninegrado, que os soviéticos exigiam para fortificações. Por algum tempo esse pequeno condado aguentou o poderoso exército soviético, mas, por fim, perderam para os soviéticos. Quando eu estive lá, os russos forneciam as matérias-primas e exigiam aos finlandeses que construíssem a fortificação de graça. O trabalho era a única coisa que eles tinham para pagar as reparações que os russos exigiam. Os pobres, mas indomáveis finlandeses, derrotados e sofrendo as violências da guerra, foram forçados a dar o seu trabalho aos russos. Tudo o que tinham para comer era peixe, batatas cozidas e ocasionalmente uma maçã. Na Finlândia visitei várias Escolas Superiores Populares que estavam apenas a começar e, mais uma vez, deparei-me com acolhimentos calorosos. Numa escola, as raparigas chegaram mais cedo para preparar tudo para o período escolar. A professora pediu que cada uma das alunas fosse à frente da classe, dissesse de onde era e cantasse uma canção. Nem um bocadinho envergonhadas, sem qualquer instrumento, à frente de gente estranha para a maioria, cantaram com uma voz fresca como os pássaros cantam nos campos.

Havia um ritual frequente nessas escolas. Cada pessoa levava uma batata cozida e descascava-a antes de alguém começar a comer. Tentando obter mais fibra e mais vitaminas, pedi a cada pessoa que estava ao meu lado as peles que estavam a deitar fora, e esmaguei-as na minha batata. “ Ah”, disseram elas espantadas, para o americano que comia a pele das batatas, “tu terias passado muito melhor do que nós passamos durante a guerra”.

Em Helsínquia, visitei alguns líderes do Movimento Cooperativo dos Consumidores, que generosamente disponibilizaram tempo para me explicarem os movimentos e os problemas do seu país. Os finlandeses são um povo notável que não acredita em coisas como a derrota. Eles não só conseguiram resgatar a sua liberdade aos russos, mas também foram os primeiros a pagar as dívidas de guerra aos americanos. No entanto, as suas fortes convicções e personalidades afetaram o Movimento Cooperativo dos Consumidores ao ponto de os reduzir a metade. Os trabalhadores das fábricas eram marxistas, mas os lavradores não eram. Do conflito resultou tornar-se a Finlândia um dos raros países que tinha dois Movimentos Cooperativos de Consumidores. Eles tinham dois grossistas que pertenciam a lojas diferentes, por todo o país. Muitas cidades tinham cooperativas a competir uma com a outra, os lavradores pertenciam a uma e os trabalhadores das fábricas pertenciam a outra. O que era notável era que estes dois sistemas competitivos deram à Finlândia uma economia de cooperativismo mais baseada em cooperativas de consumidores do que em qualquer outro país, porque o conflito ideológico, vivido em muitas cooperativas por todo o mundo, não era um fator de divisão nas cooperativas locais finlandesas.

Duas sementes de Servas plantadas

Nos subúrbios de Estocolmo, no meu regresso de Helsínquia, visitei um campo de trabalho para a paz onde Gertraud Hertling, uma estudante voluntária alemã, semeou a primeira semente de Servas.

Uma linda rapariga de sorriso fácil, disse num inglês excelente, “ Não imaginas como a juventude alemã está isolada. Primeiro, devido ao regime nazi durante a guerra, a nossa juventude foi interrompida. As forças de ocupação, agora, só nos permitem sair do país com cinco dólares. Não vais longe com cinco dólares. Como pode a nossa juventude alemã, retida numa Alemanha ocupada, aprender o significado de viver em democracia?”

Uma das vantagens de viajar sozinho é a constante solidão de estar longe de casa numa terra estrangeira. A falta de contacto humano e de amigos, impeliu-me a conversar com todas as pessoas que eu tive a oportunidade de conhecer – alguém sentado à espera do comboio ou ferry, alguém sentado sozinho num restaurante, alguém sentado no parque ou a caminhar junto a mim. Cada tipo de pessoa alargou os meus conhecimentos e deu-me novas ideias.

A segunda semente de Servas plantada chegou-me por um jovem americano, que conheci na rua. Ele contou-me com grande detalhe e de uma forma muito reacionária quão terrível era o governo socialista sueco. Nessa altura, não havia quase nenhum país na Europa que cuidasse tanto dos seus trabalhadores sem bloquear a iniciativa empreendedora, como faziam nos países comunistas. Os serviços de saúde suecos eram excelentes e, na sua maioria, gratuitos. O movimento de cooperativismo dos consumidores era invejado em todo o mundo. O seu sistema de ensino também era extraordinário. Da mesma forma, não havia desempregados nem gente pobre. Eu estava profundamente perturbado pela sua atitude. Este jovem obteve a mais preconceituosa imagem da Suécia, possivelmente transmitida por uma família anfitriã reacionária e abastada, onde ele foi colocado para passar o verão, através de um bem conhecido programa internacional de intercâmbio de estudantes. Ai! Certamente havia a necessidade de um sistema diferente de hospitalidade.

O Espírito Universal

A experiência em organizar algumas demonstrações de paz, como aquela em que caminhamos 170 milhas (273,5885 km) desde Lancaster PA (estado da Pensilvânia) até ao edifício das Nações Unidas em Nova Iorque, levou-me a pensar de uma forma despreocupada, que eu podia organizar uma pequena rede de anfitriões na Europa, apesar de ser estrangeiro. Podiam-se formar comissões em vários países, que reuniriam nomes e moradas de famílias, *settlement houses*⁴, grupos de habitação cooperativa e aldeias de crianças, a rede de anfitriões podia desenvolver-se sem qualquer tipo de financiamento ou qualquer outro tipo de suporte ou apoio. Esta rede de anfitriões ofereceria duas noites de acolhimento aos jovens que não tiveram oportunidade de viajar durante a guerra, a oportunidade de conhecer pessoas de outros países, na esperança de aprender deles formas de vida que lhes servissem para melhorar as suas comunidades de origem. É divertido pensar olhando para este americano ingénuo, que acreditava que, viajando à boleia de país para país, podia encontrar famílias que, embora tivessem acabado de passar por uma guerra hedionda, estariam disponíveis para receber nas suas casas estrangeiros, incluindo antigos soldados que ocuparam os seus países, como convidados respeitáveis. Não posso culpar as minhas companheiras dinamarquesas em Askov por me apelidarem de “*fantist*”- louco sonhador. O que elas não sabiam é que eu tinha recebido uma formação especial das minhas origens como *quaker* – que é uma visão penetrante dentro da alma da humanidade. Na América é chamada de Luz Interior. Os hindus chamam-lhe Atman. Seja o que lhe quiserem chamar, é algo que nos leva a ver o potencial de bondade numa pessoa estranha, mesmo que esta tenha as piores atitudes e motivos. Ao olharmos bem lá no fundo, encontramos dentro de cada pessoa aquela centelha de humanidade, o desejo de querer ser querida e respeitada, no seio da família humana. Acender essa centelha pode originar reações fantásticas. Esta perspectiva libertou-me de muitos conflitos perigosos, e encorajou-me a ultrapassar as circunstâncias mais deprimentes. Transformou este “*fantist*” num realista confiante.

Essas pessoas que colocaram Servas no mapa, partilhavam esta fé na humanidade e nas potencialidades da paz. Elas passaram pelo terror da Segunda Guerra Mundial e tinham um espírito

pacifista mais profundo do que o meu. Onde mais podia eu encontrar europeus que ultrapassaram os ódios da guerra e a amargura do período pós-bélico? Na verdade, não os escolhi por esses motivos. Os líderes das várias organizações contra a guerra, como a Resistência Internacional, o Serviço de Voluntariado Internacional para a Paz, os *Quakers* e a *Fellowship of Reconciliation* faziam parte da minha família ideológica. Sem eles e elas, Servas nunca poderia ter tido o seu início, pelo menos naquele lugar e naquele tempo. Embora no começo fôssemos todos desconhecidos uns dos outros, eu tinha sempre a sensação que estava a conversar com velhos amigos. A rede de pessoas pacíficas, afetuosas e construtoras da paz pelo mundo, é uma força poderosa, de que poucas pessoas se dão conta. Na altura, em muitos outros círculos, teria havido menos compreensão para o plano da Porta Aberta. O meu fracasso provaria que as críticas de Askov, que me viam como um louco sonhador que vivia nas nuvens, estariam corretas.

Graças a essas pessoas líderes da paz, este vadio semeador de sementes de paz foi conduzido às pessoas que podiam cultivá-las, até elas se desenvolverem fortes e espalhá-las por grande parte do mundo. Os verdadeiros fundadores de Servas são, portanto, aqueles dedicados voluntários e voluntárias que cultivaram essas sementes, estruturando comissões nacionais, que depois reuniram e criaram as Listas de Anfitriões de Portas Abertas. Eu fui apenas aquele que deu o mote. A narrativa que eu preparei acerca de um grupo de estudantes, da Escola Superior Popular de Askov, como sendo o fundador de Servas, é pura ficção. Ela foi criada porque eu não gosto de nenhum tipo de culto de personalidade e queria evitar isso em Servas. Mas este mito do qual eu sou o culpado, foi mais difícil de conter do que criar e pode ser encontrado na literatura Servas pelo mundo. Talvez com o tempo este assunto caia no esquecimento.

Pacifista: ser ou não ser

Têm assim todo o direito de me chamar o semeador de sementes Servas, mas chamem de verdadeiros fundadores aqueles que as cultivaram, porque sem eles não teria acontecido nada. Embora muitos deles e delas sejam pacifistas, Servas nunca foi pensada como uma organização pacifista, tanto em termos de querer ter na sua maioria anfitriões pacifistas, como preferir viajantes pacíficos. Nunca quisemos converter ninguém a tornar-se objetor de consciência. Contudo, cada pessoa que beneficia da Associação Servas deveria agradecer àquelas pessoas dedicadas, que trabalharam durante anos, usando os seus próprios recursos financeiros, para tornar a rede Portas Abertas uma realidade mundial.

Peço-vos, irmãos e irmãs, parem de discutir acerca de pacifismo Servas. Apesar de não sermos pacifistas, Servas teve desde o início o objetivo de construir os fundamentos da justiça que podem conduzir a um mundo de paz. Os relatos breves que se seguem revelam o efeito das escolas superiores populares dinamarquesas e o programa construtivo de Gandhi, os quais esclarecem o que eu pretendo dizer com a construção da paz. Lendo as biografias de Gandhi, podemos ter ainda uma imagem mais clara desses métodos, que inspiraram a criação de Servas, e podem também explicar a diferença entre pacifismo e o método da construção da paz Gandhiano, através da transformação social.

Nas capitais de todos os países escandinavos, com exceção da Islândia, visitei as sedes das organizações de paz. Embora todas elas tivessem nomes diferentes em cada país, foram fáceis de encontrar, porque todas pertenciam a uma rede mundial. Em cada uma delas, senti-me como se estivesse a falar com velhos amigos, porque me escutavam com compaixão, dando-me indicação de pessoas que, segundo eles, poderiam estar interessadas em começar o programa nos seus países. Creio ter recitado o plano Portas Abertas para a Paz centenas de vezes. A maioria dos grupos ficou reduzida a uma ou duas pessoas dedicadas. Na Dinamarca, Nana Funder, que era proprietária de uma bem conhecida instituição pré-escolar em Copenhaga e que tinha viajado como Servas nos Estados Unidos da América, foi durante muito tempo membro da comissão Servas. Kristen

Ingvorsen, que manufacturava telhas para cobertura de casas, era um outro membro desta pequena equipa.

Na Noruega, Ulf Christensen assumiu a liderança durante muitos anos.

Na Alemanha devastada e com falta de habitação e comida, estavam ansiosos por participarem no programa e Helmut Hertling, pai de Gertraud, tornou-se conselheiro da primeira comissão alemã, que fundaram juntos.

Durante muitas noites apreciei o cheiro a feno e palha em celeiros debaixo das estrelas. Numa noite escura na Suécia, quando a minha boleia me deixou no meio de uma aldeia no campo, aproximei-me de um estábulo à procura do depósito do feno. Os olhos enormes de um bovino e os longos chifres detectados pela luz da minha lanterna, fizeram-me rapidamente mudar de ideias. Estava uma temperatura amena fora e uma pilha de ervas daninhas fizeram uma boa cama. Na manhã seguinte, quando a família estava a apreciar o pequeno-almoço no pátio, descobriram uma figura estranha em cima da pilha de ervas que seria para estrume. Em vez de me perguntarem quem eu era, chamaram a polícia. Entretanto, vi uma escola a uma curta distância no fim da rua, fui convidado a entrar na sala e a assistir à aula ministrada por um único professor. Quando o polícia finalmente me encontrou, perguntou-me onde eu tinha estado durante a hora em que ele andou à minha procura. Ambos atiramos uma boa gargalhada quando lhe respondi, ao mesmo tempo que lhe mostrava o meu passaporte. Acrescentei que no norte da Finlândia, quando se pergunta por um albergue de juventude, sugerem-nos muitas vezes a prisão local, pois aí a cama de molas com um colchão macio e lençóis frescos seria melhor do que no albergue. Era imensamente superior à cama infestada de insetos e parasitas das prisões dos Estados Unidos da América onde estive detido.

A liberdade na estrada era como uma fatia de um bolo coberto por um caleidoscópio de aventuras por desvendar. Rapidamente me habituei a acordar nos mais estranhos e bizarros lugares. As novas pessoas, que eu encontrava através do meu simples modo de viajar, compensavam muitas vezes as dificuldades com que me deparava. As pessoas mais humildes, por todos os lugares onde passei, ofereceram-me hospitalidade e partilharam comigo um pedaço de comida. Eles ensinaram-me o que eu só sabia em teoria: compreender a bondade inata e a generosidade das pessoas em todos os países e de todas as raças.

A minha confiança *quaker* na natureza humana foi transformada gradualmente de uma espécie de fé, em inesquecíveis experiências de bondade humana. A bondade da natureza humana já não é simplesmente uma fé para mim. Foi tornada realidade a partir das centenas de generosas ações de bondade, encontradas em cada esquina do mundo por onde viajei. Uma pessoa pode perder a fé, mas é difícil esquecer a realidade de tais generosidades. Infelizmente muito poucos dos nossos viajantes Servas de classe média descem de suas bicicletas e mochilas ou apreciam a experiência de ajudar espontaneamente um agricultor estrangeiro numa colheita, ou ainda ajudar crianças órfãs pelas ruas.

Aprendendo os Movimentos Sociais

De junho a novembro, quando a Askov Folk High School abriu para o semestre de inverno, viajei da Finlândia para a fronteira alemã investigando instituições sociais escandinavas, como serviços familiares, programas para jovens e principalmente cooperativas de consumidores, que dominavam suas economias. Na Suécia, uma vez que o país escapou ileso da guerra, eles tinham belas lojas modernas com a maioria das coisas que qualquer família precisaria. Todos os países escandinavos possuíam fábricas pertencentes às Federações Cooperativas. Na Finlândia, fui atraído pelas *settlement houses*, que estavam construindo pontes de entendimento entre a população de língua finlandesa e de língua sueca, um modelo que, se aplicado, poderia reduzir conflitos étnicos em

muitas partes do mundo. A escola da Lapónia, no norte da Suécia, era um centro mais feliz do que as escolas missionárias que os índios americanos eram forçados a frequentar. Centros culturais em comunidades agrícolas em toda a Dinamarca tinham programas para crianças, jovens e adultos. Os agricultores locais convidavam os principais escritores e pensadores para lá irem falar. Depois de um dia nos campos de colheita, os jovens que trabalhavam comigo pularam em suas bicicletas e pedalarão até esses centros, onde liam poesia e dançavam danças folclóricas. Eu poderia preencher muitas páginas descrevendo a apreciação do elevado nível cultural escandinavo.

Os movimentos cooperativos, que dominaram os sistemas de marketing da Escandinávia, demonstraram o valor de uma economia que não é motivada por lucro nem administrada pelo governo, mas sim pelo povo. As lojas limpas e brilhantes e os produtos de qualidade eram melhores e mais baratos do que se poderia encontrar em qualquer outro lugar. Muitas associações cooperativas de consumidores tinham suas próprias fábricas produzindo para consumo, não para lucro. Esse forte setor democrático influenciou todas as sociedades escandinavas, desde a educação até os cuidados com os idosos.

Escolas Superiores Populares

Grande parte do despertar para as questões sociais e culturais deveu-se à educação nas Escolas Superiores Populares. Eu aprendi sobre esse notável movimento educacional, que mudou um país inteiro, com o filho do ex-presidente da minha faculdade. As Escolas Superiores Populares dinamarquesas estavam prosperando há cerca de cem anos quando cheguei lá e ainda eram uma parte central da vida. Elas foram inspiradas por alguns visionários que acreditavam que a Dinamarca poderia proteger melhor sua independência despertando seu povo. Elas estavam fora do sistema público de educação, mas foram bem apoiadas pelo governo. A maioria dos dinamarqueses era gente rural que abandonou a escola aos 14 anos para trabalhar em tempo integral em fazendas ou como artesãos, geralmente em cargos de aprendiz. Então, entre 18 e 25 anos, as pessoas atingem a idade de questionamento sobre a vida: Quais são os propósitos da vida? Que relação devemos ter com a nossa sociedade? Em que tipo de condições queremos criar nossos filhos? Nessa idade crítica, as escolas residenciais em todo o país acolhiam esses jovens, geralmente apenas por um inverno, quando não eram necessários nas fazendas. Por meio de programas não acadêmicos, os jovens adquiriam uma nova visão da vida. Muitos se tornaram instrumentos na revitalização de seu país. Assim surgiu um dos movimentos educacionais mais originais do mundo.

Eu visitei muitas escolas em outros países escandinavos, que foram inspiradas no movimento dinamarquês. Não apenas as visitei, mas me tornei aluno numa delas. Passei a maior parte do inverno em Askov, mas também visitei muitas outras Escolas Superiores Populares e escolas de infância na mesma tradição. Ouvindo numa língua estrangeira, às vezes apertado nos lugares das crianças, compreendi uma abordagem bastante diferente da educação, um *insight* que nunca havia imaginado.

Participar dessas escolas foi uma experiência de mudança de vida para mim, tanto quanto provavelmente foi para muitos dinamarqueses rurais. Todos os alunos me acolheram como se fosse um deles. Eu não poderia ter me sentido mais em casa. Embora minha prática com gravações tenha melhorado a audição, eu tinha apenas um vocabulário limitado. Foi desafiador nos primeiros meses, pois eu não entendia as palestras em sua totalidade, apenas o tema abordado. Às vezes, o esforço de tentar entender as palestras me fazia ir dormir com dor de cabeça. Em alguns meses, no entanto, com meu vocabulário aumentando, as histórias inspiradoras que eles chamavam de palavra viva, tornaram-se para mim aventuras vicárias.

Os professores eram todos dinâmicos contadores de histórias, que deram vida a épocas passadas e a grandes autores. História não era recitação de datas e política. Eles traziam à vida as pessoas e as condições sociais da época e o local da história.

Eu descobri uma visão diferente da história, muito mais profunda do que qualquer outra que eu tenha aprendido nas minhas escolas americanas. No lugar de uma recitação, frequentemente repetida, de guerras e política, surgiu a história do povo. As histórias que se desenrolaram nos levaram de volta a tempos significativos do passado. Sentimos que estávamos no meio de um movimento de independência, por exemplo, entre um povo consciente que lutava pela independência. Aprendemos como eles mudaram sua sociedade. Tão vívidas eram as histórias que parecia que o narrador havia participado do evento, como se ele tivesse acabado de sair das ruas de Paris durante a Revolução Francesa ou se tivesse sentado ao lado de William Penn, enquanto conversava sobre paz com seus irmãos índios. Eu assisti à animação desses jovens agricultores que haviam chegado lá, não para se formar, se preparar para um emprego mais bem remunerado ou para obter qualquer outro avanço prático, mas apenas para obter uma educação cultural e uma visão mais ampla da vida e do mundo.

Os professores das Escolas Superiores Populares entenderam a importância de um despertar social porque seu país o havia demonstrado. Eles sabiam que não há nada que transforme um país tão completamente quanto uma cidadania consciente e iluminada. Os professores estavam convictos que os líderes políticos eram os servidores do povo. Quando não representam mais seus eleitores, correm o risco de serem removidos, por votação ou à bala. Portanto, suas ações refletem, quase sempre, os desejos de seu povo. É claro que, se eles são servos que pensam que seus pensamentos são irrelevantes, seguindo cegamente o nobre que geralmente os possui, então o governo quase não é influenciado por eles. Mas quando acordam, as coisas mudam.

Ao me sentar entre eles, comecei a ver como esse movimento educacional muito especial havia retirado fazendeiros de seus campos e celeiros para lidarem com as questões urgentes de seu país em primeiro lugar, e depois, para se tornarem cidadãos esclarecidos do mundo. Logo após o arranque das Escolas Superiores Populares, os agricultores despertos se tornaram os líderes de governos fortemente democráticos do país. Então, o movimento de cooperativas que surgiu dessa educação tornou-se central na vida do país. Como as exportações primárias eram de produtos agrícolas e estes eram gerenciados pelas cooperativas de pequenos fazendeiros, esses "graduados" das Escolas Superiores Populares transformaram seu país em uma democracia econômica excepcional. Na verdade, ninguém se formou nessas escolas. O tempo que passaram na escola era visto como uma introdução a uma longa vida de aprendizado alegre.

A revolução dinamarquesa, que resultou do despertar dos estudantes das Escolas Superiores Populares, foi tão tranquila e pacífica que a maioria do mundo nunca soube que isso aconteceu. Ninguém foi baleado, preso ou expulso do país. Os agricultores simplesmente formaram uma rede de cooperativas em todas as operações econômicas imagináveis. Como os produtos agrícolas eram as principais exportações do país e as cooperativas eram administradas democraticamente pelos pequenos agricultores (*dirt farmers*⁵), as cooperativas criaram a economia mais democrática de qualquer país. Era muito mais democrático do que os governos socialistas centralizados. *Conrail*⁶ estava nas mãos dos burocratas.

Essas histórias inspiradoras da vida alteraram muito minhas perspectivas sobre mudança social, assim como a experiência de conhecer os movimentos sociais escandinavos. Também tomei consciência do valor das biografias de grandes líderes sociais e ativistas, e histórias dos movimentos populares. Eu havia deixado a escola nos EUA acreditando que a literatura era principalmente para leitura escapista recreativa. Aqui aprendi que a literatura de qualidade pode revelar melhor a vida, o tempo e o lugar de um povo do que muitos estudos sociológicos áridos. Não apenas o conceito do lugar da literatura na vida era especial, mas também era incrível ver como esses jovens não intelectuais foram estimulados. Um contador de histórias talentoso nos apresentou a um escritor famoso com tanto sentimento e discernimento que tínhamos certeza de

que ele era um amigo pessoal do autor. A comunidade em que o autor viveu, suas preocupações e decepções, e as condições da sociedade na época em que escreveu, foram ilustradas por trechos de seus livros. Pude entender bem como essa experiência educativa motivava os alunos a querer conhecer bons escritores, e tornar o aprendizado uma parte vital do resto de suas vidas. Eles não precisavam de notas ou testes para serem motivados a estudar. Nas lojas da aldeia, que a maioria dos fazendeiros frequentava, os livreiros me disseram que metade dos livros vendidos era boa literatura.

Esses jovens adultos que estudaram com entusiasmo nunca perderam uma aula. Eles não esperavam recompensa, aumento de salário, avanço - nem mesmo um diploma. Foi uma experiência que eu sempre lembrarei.

Essas escolas de educação cultural e estimulação de jovens adultos não tentaram encher os alunos de factos. O único treinamento profissional foi em escolas separadas que incluíam cursos técnicos. Kristen Kold, a primeira professora do ensino superior popular, costumava dizer: “Eu quero abalá-los para que não desperdicem o resto da vida”. O que eles fizeram foi transformá-los de observadores passivos em construtores comunitários ativos. E isso, eles fizeram sem pregar nenhum tipo de “ismo” ou defender qualquer ideologia específica. Os jovens agricultores dinamarqueses que frequentaram essas escolas residenciais por apenas um inverno, estavam tão despertos e motivados que lançaram as bases para uma nova ordem social, uma das mais democráticas que o mundo já viu, e uma das mais iluminadas também. O espírito de crescer e compartilhar permeava a vida. O atletismo não era competitivo. Havia acrobacia para os homens e exercícios rítmicos para as mulheres. Aprendemos dança folclórica, a apreciar música e nenhuma aula começava sem uma canção de grupo. Os professores e os alunos comiam juntos e as casas dos professores eram regularmente abertas a reuniões informais com os alunos.

Ao aprender e usar uma língua "estrangeira" em outra parte do mundo, escapei dos limites dos meus preconceitos nacionalistas e da língua materna. As experiências não só me deram uma nova maneira de ver a história, mas uma visão fundamentalmente diferente do valor da educação cultural para a mudança social.

A educação de um Construtor da Paz

O movimento dinamarquês das Escolas Superiores Populares é um excelente exemplo de um programa de construção da paz. Gerou uma comunidade centrada nas pessoas, que tinha mais preocupação com a qualidade de vida e compaixão pelos necessitados do que por ganhar poder e riqueza. Entre os dinamarqueses, havia um forte desejo de encontrar alternativas para conflitos violentos em todos os níveis da sociedade: local, nacional e internacional. Quando a Islândia, que era uma colônia dependente, quis independência, os dinamarqueses apenas disseram "sim". Quando missionários e comerciantes ameaçaram a cultura dos esquimós da Gronelândia, eles foram proibidos de ir para lá enquanto todos os outros eram bem-vindos. Uma das principais tarefas do movimento dinamarquês da resistência foi levar os judeus da Alemanha para a segurança da Suécia. Durante o boicote aos produtos sul-africanos do *apartheid*, a Dinamarca foi um dos poucos países europeus em que laranjas sul-africanas não podiam ser encontradas.

Alemanha: combalida, mas não excluída

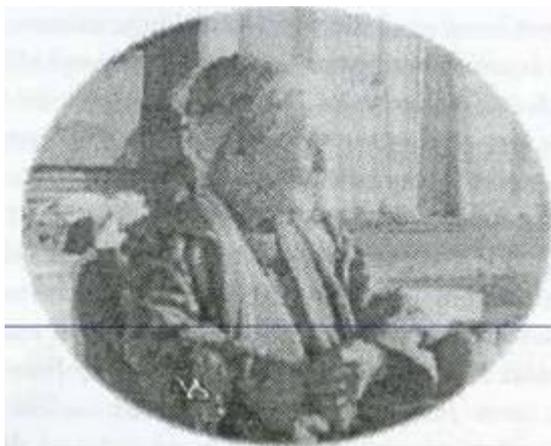
Depois de um ano na Escandinávia, mudei-me para um campo de trabalho *quaker* na Alemanha. Se por um lado era quase a única maneira de conseguir um visto para visitar o país ocupado, também se mostrou uma boa introdução à nação devastada. Os campistas de trabalho eram jovens

voluntários de vários países. Pintamos os quartos em um quartel que abrigava refugiados de língua alemã em áreas perdidas para a Polônia após a guerra. O zelador da academia em que morávamos tinha uma máquina de escrever, algo raro na derrotada Alemanha. Ele me emprestou para digitar alguns folhetos originais de Servas, esperando que "ninguém" se importasse. Mais tarde, ele me disse que a máquina pertencia ao Partido Comunista.

Saindo do acampamento, segui para Hamburgo, onde me deparei com uma cidade totalmente destruída por bombardeios. Uma cidade moderna derrubada, com pessoas vivendo nos escombros é uma visão que nunca se esquece. Perguntei-me como conseguiam aquelas pessoas viver debaixo de chapas de aço. Um hotel chique fora construído a partir da transformação de um abrigo subterrâneo.

Com uma carta de apresentação de um amigo americano ao prefeito socialista de Hamburgo, fui à prefeitura e perguntei se eles me diriam a melhor maneira de fazer cópias do folheto Servas que eu compusera no campo de trabalho. Eles pegaram o material. Esperei por meia hora, depois uma hora. Pareceu um tempo terrivelmente longo para obter uma resposta para uma pergunta tão simples, mas eles tinham minha única cópia. Tive que esperar. Então, para minha surpresa, ele voltou com uma pilha de cópias não apenas duplicadas, mas também traduzidas para bom alemão.

No caminho para Hamburgo, peguei carona com várias pessoas e conversei com cada uma delas usando meu extravagante alemão-dinamarquês. Como não sabia alemão quando cheguei, criei meu próprio idioma substituindo gradualmente as palavras dinamarquesas por alemãs ao ouvi-las. "De onde você é?" exclamou uma mulher que conheci em Hamburgo. "Pensei conhecer todos os dialetos da Alemanha, mas esse, nunca tinha ouvido." De qualquer forma, era compreensível o suficiente para permitir conversas muito interessantes com pessoas de diferentes opiniões políticas, que me deram carona. Um comunista contou como havia conquistado a simpatia de seu oficial das SS enquanto prisioneiro em um campo de concentração, por isso, em vez de ser punido por ajudar um companheiro a fugir, ele foi transferido para uma prisão mais leve. Outro tentou me converter ao nazismo. Um anarquista contou como ele construiu seu próprio automóvel a partir de peças soltas. Somando todos, eu poderia dizer que Servas foi apoiada, consciente e inconscientemente, não apenas por pacifistas dedicados, mas também por comunistas, socialistas, capitalistas, um anarquista e um nazista. Era verdadeiramente cosmopolita antes de sair do papel. Passei alguns dias com Gertraud, da família Hertling. Seu pai, um alto, digno e experiente professor, pacifista e dinamizador de jovens, estava determinado a fazer com que Servas tivesse sucesso na Alemanha, apesar da falta de casas, escassez de comida e devastação devido ao bombardeio destruidor.



Vovó Esther Harlan, "Santa de Servas"

Servas ganha vida

Enquanto eu estava semeando as sementes de Servas na Europa, um pequeno milagre aconteceu na Califórnia. Alguns anos antes, conheci uma mulher extraordinária nas colinas de Berkeley que se tornou minha avó adotiva. Ela viveu pelo espírito e filosofia de Gandhi como nenhum outro americano que eu já conheci. Onde quer que eu viajasse, havia uma carta dela esperando por mim. Muitas dessas cartas pareciam ter uma compreensão mística do meu humor, embora eu estivesse do outro lado do mundo. Quando eu escrevi para ela sobre as portas abertas para o plano de paz, ela começou a trabalhar, nunca perguntando nada, a mim ou a ninguém.

Sem sair de sua humilde casa de campo rústica e envolta em videiras humildes, aninhada entre as casas ricas da colina de Berkeley, ela recolheu nomes e endereços de pessoas de todos os Estados Unidos. As histórias que ela escreveu sobre o programa foram impressas em todos os tipos de periódicos, especialmente revistas preocupadas com a sociedade e a paz. Antes de retornar aos EUA, ela havia reunido os nomes e endereços de mais de quatro mil anfitriões de portas abertas nos EUA. A princípio, ela usou uma máquina de escrever que parecia uma peça de museu. Quando suas mãos ficaram artríticas demais para digitar, ela escreveu com uma caneta larga. Embora ela estivesse com quase oitenta anos e não tivesse transporte, ela era mais ativa do que as pessoas com metade da idade dela. Vovó Esther nunca me contou como ela mantinha os registros e eu estava preocupado demais para perguntar. Imagine meu espanto quando um dia descobri que eles estavam cuidadosamente arquivados em pequenos pedaços de papel, em pequenas caixas de sapatos, debaixo da sua cama. Fiquei ainda mais espantado ao saber que ela não tinha poupanças nem rendimento, vivia apenas com a assistência social, apertando sua pequena renda para cobrir o custo de selos e papelaria, para desenvolver o Programa de Portas Abertas dos EUA.

No início de Servas, ninguém se opunha com tanta determinação a pedir dinheiro, qualquer que fosse a circunstância. Todos nós, pioneiros do programa, concordamos com essa política. Esther Harlan deveria ser chamada de "Santa de Servas" pelo que ela fez para nos ajudar a começar e por várias outras coisas que ela também conseguiu. Ela merece muito mais espaço do que temos aqui.

Sementes da guerra

Antes de deixar a Alemanha, procurei compreender a razão por que muitos alemães eram seguidores de Hitler. Acredito que se não compreendermos melhor o que gera movimentos sociais destrutivos, nunca conseguiremos preveni-los no futuro. Ouvi uma fascinante palestra por um professor de Askov que explicou como, após a Primeira Guerra Mundial, a cada nova pressão pelos Aliados sobre a Alemanha, o voto dos alemães virava mais à direita. Posteriormente, em Hamburgo, foi-me dito pessoalmente por um dos líderes do movimento cooperativo alemão de consumidores que as potências ocupantes supostamente democráticas, por um lado, acusavam os alemães de terem posições nazis, por outro, concediam licenças de funcionamento a empresas pró-nazis. Além disso, negavam as licenças a filiais do movimento cooperativo democrático. Isso permitiu-me vislumbrar a realidade atrás dos bastidores, que teria perdido se não tivesse procurado as respostas a essas questões. Desde essa época que aprendi que os interesses comerciais dos países aliados apoiaram secretamente o movimento nazi com a esperança de que pudesse derrubar a Rússia comunista. Tenho combatido o fogo com fogo na floresta, mas em política acaba-se queimado ao adotar essa metodologia.

Procurar entender a dinâmica do nazismo permitiu-me ter uma compreensão mais aprofundada da Alemanha no seu todo, tal como o estudo dos movimentos sociais e educacionais da Escandinávia me conduziu ao espírito desses povos. Por ter questionado os motivos que levaram os alemães a

criar o nazismo, a minha experiência alemã ajudou-me a compreender as dinâmicas subjacentes à política.

Enquanto estudava em Askov, o professor de história deu uma das palestras mais acutilantes sobre a ascensão do nazismo, em que referiu como, a cada novo ato de vingança dos Aliados, o voto alemão tinha virado à direita. A longa lista que começou com um embargo alimentar que durou 16 meses após o fim da Segunda Guerra Mundial (*sic*) levou à tomada do poder por Hitler. Com efeito, os aliados estavam acidentalmente a influenciar as atitudes políticas alemãs ao reforçar um sentimento de hostilidade na sua opinião pública, uma raiva que dizia aos alemães: “Sois uma sociedade de párias e sereis excluídos por nós da comunidade das nações”. Cada uma destas ações enfraqueceu a liderança dos elementos democráticos e pacíficos e reforçou os grupos políticos mais chauvinistas, produzindo a raiva em que floresceram os nazis.

Quando viajava pela Alemanha, observei uma subserviência incrível para com a autoridade por parte dos alemães, o que parecia fazer parte das suas tradições. Cheguei num domingo e tinha-me estupidamente esquecido de comprar dinheiro alemão porque mudar de país para país na Escandinávia tinha sido bastante fácil. Não havia ninguém na rua que estivesse disposto a trocar algumas coroas dinamarquesas por marcos alemães para poder comprar pelo menos a viagem de autocarro. Pareciam até assustados só com a sugestão.

Outro incidente foi o caso de um rapaz de doze anos em Nuremberga que deixou cair algo. Em vez de agarrar nesse objeto, olhou em volta para ver se alguém o tinha visto, como se tivesse feito algo errado e esperasse não ser apanhado.

Até as relações entre pais e filhos ou adultos e adolescentes apresentavam traços únicos de alguma mentalidade autoritária, como aconteceu no grupo de “discussão” em que participei num campo juvenil protestante. Os jovens falavam, mas não para expressar as suas opiniões, apenas perguntavam a opinião dos adultos.

A combinação de subserviência para com a autoridade e a raiva contra as políticas vingativas dos aliados criaram a atmosfera ideal para o culto desenfreado da pátria e uma mentalidade de menosprezo pelas minorias. É incrível como um dos países tecnicamente mais avançados do mundo pode enveredar pelo nazismo.

Em muitos lugares a aprendizagem académica deveria supostamente potenciar uma atitude democrática. Seria possível a existência de alguma relação entre a sua admiração e sucesso na tecnologia e o sistema de ensino? Será que a aprendizagem científica e tecnológica incentivou o desejo de criar uma estrutura política ultra eficiente - uma sociedade a funcionar perfeitamente como uma grande máquina e com o mínimo de compaixão e de bondade humana?

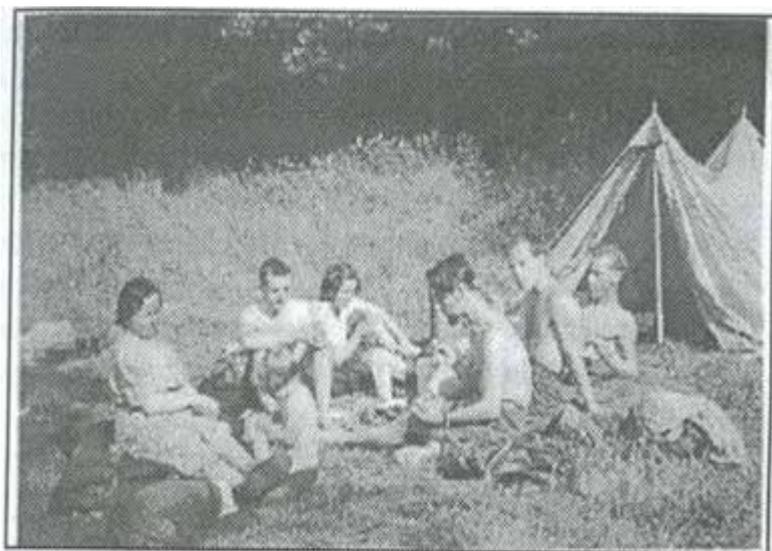
Cinquenta anos após a suposta derrota do nazismo, continuamos a ver toda a espécie de despotismos e conflitos raciais em todo o mundo. Quando atacamos estes líderes despóticos isolando os seus países, à semelhança dos aliados que isolaram a Alemanha, reforçamos os nacionalistas mais fanáticos e grupos de direita nesses países.

No processo, enfraquecemos os elementos que têm trabalhado em prol de políticas mais pacifistas e democráticas. Por que não conseguimos ter em conta os princípios básicos da psicologia social e das dinâmicas sociais que poderíamos ter aprendido com a experiência alemã? Procurar compreender a génese do nazismo era, no entanto, apenas uma das faces do meu esforço de compreensão da Alemanha. A outra era a procura incessante de um oásis de sanidade social - grupos, organizações, pequenos movimentos que estavam a semear a semente prometedora de formas de vida mais solidárias e mais justas. Em minha opinião é extremamente ingénuo pensar-se que as guerras podem ser travadas apenas aumentando o número de objetores de consciência. As raízes da guerra estão profundamente ligadas à nossa ética e às formas como as nossas sociedades lidam com o conflito e a injustiça. Num mundo onde um número restrito de pessoas têm excesso de alimentos, roupa e habitação, enquanto a outra parte passa fome ou morre esfomeada, não existe esperança de se poder criar uma paz duradoura.

Por este motivo, em qualquer lugar que eu vá, procuro pessoas e pequenos grupos que possam lançar as fundações para sociedades mais justas e solidárias. Na Alemanha devastada, tal como em qualquer outro país, encontrei esses grupos.

Os antropólogos criaram aldeias de crianças onde os órfãos, em vez de viver em dormitórios institucionais, viviam em família juntamente com os filhos dos seus cuidadores. O Movimento dos Trabalhadores tinha programas educacionais de excelência. Havia a aldeia organizada por um professor cujo único recurso era a fé, que liderou um grupo de trabalhadores na construção da sua própria comunidade sustentável. Ovelhas leiteiras aparavam a relva, árvores de fruto serviam-lhes de abrigo, porcos reciclavam o lixo com a ajuda de galinhas poedeiras e bio compostores transformavam os resíduos da quinta em fertilizantes para os jardins.

O seu exemplo inspirou um movimento transversal a toda a França chamado *Beaver Movement*.



Peace Builders, no Acampamento na Floresta Wyre. Uebet Folliard e filha, Esma Burrough e Bob Luitweiler

Os esperantistas⁷ vislumbravam uma sociedade de irmãos para lá das fronteiras nacionais. E Helmud Hertling, cuja filha me lançou as primeiras sementes de Servas e cujo filho foi membro do primeiro comité de trabalho na Alemanha, trabalhou toda a sua vida em prol da paz e continuava a organizar programas juvenis vitais.

Em quase todos os países, encontrei uma dicotomia entre grupos nacionalistas e movidos pelo poder por um lado, e construtores solidários da paz por outro. Uma das experiências mais recompensadoras foi conhecer pessoas corajosas, que trabalhavam contra enormes dificuldades e que construíam um mundo melhor, criando projetos vitais nas suas próprias comunidades locais. Um dos sonhos das pessoas que criaram Servas foi ajudar pessoas de mente aberta a vivenciar oásis de sanidade e generosidade, num mundo fragmentado e desencantado, para que pudessem depois aplicar algo do que aprenderam, uma vez regressados a casa. É o que chamamos sistema trabalho-estudo-viagem. Em consequência da minha procura por respostas a questões candentes, encontrei muitas pessoas especiais que tornaram as minhas viagens muito mais profícuas e interessantes. Penso que deveríamos pedir a cada potencial viajante Servas que selecione pelo menos um tema especial, que seja próximo dos seus interesses, e que depois o transforme no foco da sua viagem. A questão estudada, escolhida pelo viajante e não pelo entrevistador, pode enriquecer enormemente a sua experiência de viagem com elementos reveladores e capazes de lhes mudar a vida, sem diminuir o prazer do passeio turístico.

Semeando as sementes

Na Holanda, aprendi sobre o nazismo de um ponto de vista totalmente diferente, pois os holandeses, como nação, tinham sofrido mais do que a maioria dos outros povos. Sob a ocupação, eles sofreram quase fome e encontraram-se no meio de fogo cruzado vindo dos dois lados. Apesar das suas duras experiências, estabelecer aqui uma rede de Portas Abertas, não foi difícil.

Na fronteira com a França, uma pequena estrutura do tamanho de uma cabine telefónica abrigava o único funcionário da alfândega francesa. Acontece que não consegui encontrar o meu passaporte para lhe mostrar. Ao longo do caminho, o meu passaporte tinha provavelmente desaparecido. Poderia ter caído do bolso do meu blusão. Poderia ter sido surripiado por alguém que me tivesse dado boleia. Foi-me dito pelo consulado dos EUA que, naquela época, os passaportes americanos valiam o seu peso em ouro, para os contrabandistas. Ali estava eu, na fronteira francesa, remexendo em vão de cima para baixo na minha mochila, enquanto o homem que me estava a dar boleia aguardava, impaciente, porque o barco para Inglaterra deixaria Calais em breve. "Será que toda a minha viagem estava a ir por água abaixo?" interroguei-me. Teria que voltar aos EUA e desistir do plano por que sonhava há muitos anos? Acho que teria entrado em pânico se imaginasse as dificuldades por que o Departamento de Estado dos EUA me faria passar quando solicitasse um novo passaporte. Talvez as experiências de ter sido condenado duas vezes à prisão e de viver sob o calcanhar do tio Sam, me tivessem criado algum calo. De qualquer forma, decidi ir o mais longe que pudesse e confiar, segundo a minha experiência, na razoabilidade das pessoas e que tudo daria certo.

Desenvolvi um pequeno sistema, sempre que sou confrontado por um funcionário que diligentemente bloqueia o meu caminho. Digo-lhe: "Se o senhor estivesse no meu lugar, o que faria?" Geralmente a primeira resposta deles é "Não estou aqui para ser seu conselheiro." Então eu replico: "Será que podemos falar de homem para homem? Além de ser um funcionário, o senhor é um homem que respeita os outros e que acredita em ajudar alguém em dificuldade." É incrível como isto funciona tão bem às vezes, mas nem sempre. De qualquer maneira, não foi preciso discutir com o agente francês da imigração. Ele limitou-se a dizer: "Siga, ou ainda perde o barco".

Chegar a Inglaterra sem passaporte não era assim tão simples. Quando mostrei o meu cartão de marinheiro, que nunca tinha usado antes, fui encaminhado para uma sala de interrogatório. Lá, começou uma longa série de perguntas. A expressão *Peace Builders* (Construtores da Paz), que estava em muitos dos meus documentos, acendeu um sinal de alerta. O funcionário pensou, sem dúvida, que eu era algum espião comunista. Cada centímetro do meu blusão foi inspecionado em busca de listas escondidas. Então, quando eu lhe disse que tinha estudado na Dinamarca, ele mandou alguém comprar um livro para eu traduzir, como prova. Não havia nenhum livro dinamarquês disponível na livraria dos marinheiros, mas havia um em norueguês. A minha tradução fluida dos trechos que ele escolheu convenceu-o. Quando lhe perguntei educadamente se o seu trabalho era dificultar a entrada de pessoas em Inglaterra, ele disse "sim", educadamente. Depois, perguntou quais eram os objetivos dos Construtores da Paz. Foi um prazer contar-lhe sobre a minha visão dos métodos gandhianos da mudança social não-violenta. O mais surpreendente foi o facto de ele ter encerrado a entrevista dizendo: "Foi muito interessante conversar consigo. Boa sorte nos seus esforços. Vou dar-lhe um visto de seis meses de permanência no Reino Unido."

De Londres, onde visitei os vários escritórios da paz, fui encaminhado para pessoas em Birmingham. Lá, estabeleci a minha residência temporária, durante vários meses, dormindo no sótão do escritório da União dos Jurados da Paz, que ficava num bairro pobre. Essa temporada em Birmingham tornou-se um dos pontos altos da minha vida. Connie Jones Thorpe, uma professora da minha idade, era a secretária dedicada da União dos Jurados de Paz, que era a filial inglesa da *War Resisters International*



Connie Thorpe, União dos Jurados da Paz

Ela tornou-se num dos pilares do nosso grupo. A sua família estava profundamente comprometida com o Partido Trabalhista, e o seu pai estava tão preocupado que eu a incentivasse a vir para a América, que nunca fui convidado a ir a sua casa e conhecer a sua família. Esma Burroughs era alguns anos mais velho, possuía uma risada calorosa e uma barba muito espessa, rara para aqueles tempos, e era o secretário do ramo inglês do Serviço Voluntário Internacional para o Movimento do Campo de Trabalho pela Paz.

Ele morava com a sua irmã solteira e provinham de uma família de agricultores. O esbelto, sério e idealista Chris Smith era o nosso aristocrata, também professor e secretário local da *Fellowship of Reconciliation*. De certa forma, ele era uma alma solitária perdida, que havia sido criado por duas tias solteiras.

No nosso grupo, ele era um irmão entusiasmado. Lisbet Foliard, nascida na Checoslováquia, havia sido casada com um prisioneiro de guerra italiano e tinha uma filha vivaz de três anos. O seu entusiasmo efervescente deu ao nosso grupo uma vitalidade especial. Ela enriquecia regularmente os nossos encontros com convidados de vários países que trabalhavam com ela na Fábrica de Chocolate *Cadbury* e representava os *quakers* no nosso grupo.

Eles receberam este americano renegado como um irmão há muito tempo perdido. Eu era um ex-ianque e neto de um florista imigrante holandês. Graças ao destino, que me impediu de me mover rapidamente, Servas conseguiu estabelecer-se aí. Birmingham tornou-se, se é que lhe podemos chamar assim, a sede de Servas na Europa. Esse grupo de pessoas dedicadas abraçou a ideia de formar equipas de Construtores da Paz e pediu-me para ajudá-las a constituir uma equipa. Discutimos métodos e sistemas. Escrevi o primeiro manual para secretários nacionais com o incansável trabalho de edição de Connie Jones Thorpe. Este formato para listas de anfitriões Servas, um pouco simplificado, ainda está a ser utilizado na maioria dos países depois de passados quase 50 anos⁸. Jantamos, fizemos viagens e fomos acampar juntos e, sobretudo, resolvemos muitas coisas que constituíram as fundações de Servas. Após a minha partida, eles escolheram Esma Burrough para ser o primeiro secretário europeu de Servas.



Chris Smith, A Irmandade da Reconciliação

Burocratas suspeitos, britânicos simpáticos, americanos difíceis

Como ao fim dos seis meses de permanência autorizada em Inglaterra o meu novo passaporte de substituição ainda não tinha chegado, fui visitado por um representante muito educado do Ministério do Interior. Disse-lhe que estava determinado a partir para a Índia assim que recebesse o passaporte e lamentava muito que o mesmo ainda não tivesse chegado. Quando ele me sugeriu que voltasse para os Estados Unidos, eu disse-lhe que se ele me mandasse para a prisão, eu não me importaria nada e essa seria uma ótima oportunidade para eu estudar a criminologia britânica. E também lhe expliquei que não levaria nada de Inglaterra, nem um emprego, nem habitação, nem dinheiro. Ele deve ter chegado à conclusão que eu não era nenhum subversivo, pois o meu nome não constava de nenhuma lista negra, nem tinha sido expulso de Inglaterra. Finalmente, após uns cinquenta amigos americanos terem escrito para o Departamento de Estado Norte-Americano em minha defesa, chegou o passaporte de substituição. O funcionário da Embaixada americana a quem eu tinha feito o pedido de substituição em Londres afirmou que eu tinha destruído ou vendido o passaporte por ter um visto israelita. Ambos sabíamos que esse visto me impediria de viajar pelos países árabes.

Construindo pontes culturais

Um dos momentos altos da minha estadia em Birmingham foi aquilo que mais tarde a equipa local apelidou de *International at Homes*. Tentamos copiar um programa criado por um *quaker*, numa Nova Iorque assolada por gangues. A Rachel Davis Dubois juntava pessoas de diferentes raças e grupos étnicos, que eram rivais entre si. Em reuniões informais entre amigos, ela encorajava-as a falarem sobre si, as suas culturas, festivais e modos de vida. Alguns cantavam canções. Muitos

relataram experiências pessoais. As experiências nestas festas informais fizeram com que pessoas que temiam os seus vizinhos passassem a admirar a sua multitudine de cores, culturas e vidas.

A nossa equipa reunia sobretudo jovens para serões com programas semelhantes nas casas de várias pessoas. Lisbet, cujos colegas de trabalho na Fábrica de Chocolates Cadbury eram pessoas de todo o mundo, constituía o nosso elemento mais experiente no contacto com o exterior. Havia muitos participantes solitários que se sentiam muito felizes com os nossos encontros agradáveis. Após a minha partida, escreveram-me a contar que os encontros se tornaram tão populares, que tiveram de organizar três em simultâneo, de modo a acomodar todos os que desejavam participar nos pequenos grupos intimistas.

Mais tarde, em Israel, criei um grupo de árabes, drusos, cristãos e judeus e utilizei um formato similar. Quando estava de partida, os membros judaicos afirmaram o quão haviam apreciado conhecer os seus vizinhos árabes. Se as pessoas defensoras da paz, em todo o mundo, usassem as suas casas ou pátios, ou qualquer outro local amigável, para encontros interculturais, onde todos os participantes descobrissem quão humanos, fascinantes e belos são os costumes dos outros, isso poderia enfraquecer os esforços dos senhores do poder, que habilmente atacam uns grupos contra outros para, no fim, recolher os destroços. Seria mais difícil incitar à violência na Bósnia, Ruanda-Urundi e Chiapas. Não fiquei contente ao deixar a irmandade unida que se desenvolveu em Birmingham. Tornou-se a minha família mais querida e até mais calorosa do que aquela que eu conhecera na minha própria casa.

Terreno estéril

Na França, Áustria, Jugoslávia e Bulgária, meus esforços para encontrar bons representantes Servas falharam, cada um por diferentes motivos. Depois, esses países desenvolveram bons Programas de Portas Abertas. Os franceses não estavam acostumados a abrir as suas casas para estrangeiros, preferindo receber seus convidados em *bistrôs* locais.

As múltiplas faces da opressão

A Áustria foi dividida entre as forças aliadas de ocupação. Em Viena, alguns soldados russos com quem tentei conversar pareciam aterrorizados por serem abordados por um estrangeiro de forma amigável. Pior foi a massa humana temerosa que vi no trem, quando entramos no setor soviético ocupado. Dois soldados russos passavam pelo corredor inspecionando documentos de identificação. Quando um passageiro, que parecia falar russo fluentemente, iniciou uma conversa amigável com os soldados, os outros passageiros, com medo estampado no rosto, encolheram-se nos assentos, como se desejassem poder desaparecer. O contraste entre as atitudes do falante russo e dos outros passageiros foi um exemplo de histeria em massa e preconceito intercultural. Se os soldados fossem americanos, britânicos ou franceses, não teria havido tal terror. A Jugoslávia e a Bulgária eram estados policiais. Cidadãos que tivessem qualquer relação com estrangeiros eram suspeitos e frequentemente assediados pela polícia. Um homem que se tornou meu amigo em Escócia me disse que, no dia seguinte, a polícia o havia levado à delegacia às 3h da manhã e o interrogara por horas.

Quando visitei um professor de sociologia, um agente secreto ficou do lado de fora do edifício de apartamentos me esperando e, quando eu saí, ele me seguiu por todo o caminho que me levava de volta ao hotel. No único hotel onde os turistas podiam ficar, uma funcionária que falava um excelente francês, disse que o hotel era administrado pela polícia secreta.

Quando eu deixasse o meu quarto, todos os meus papéis, me explicou ela, seriam levados e examinados e então eu deveria deixá-los com ela. Minha experiência na prisão, que era um estado

policial em miniatura, havia sido um bom treinamento e foi também uma boa preparação. Enquanto eu estava na Iugoslávia e na Bulgária, tomei o cuidado de não escrever nada, porque mesmo as minhas anotações mais particulares poderiam ser usadas contra mim ou contra uma pessoa local de quem eu me tornara amigo. Tentar entender o programa agrícola criado pelos soviéticos, que Tito continuara depois de conseguir sair do domínio russo, foi uma educação valiosa. Agricultores de todo o país eram presos quando não conseguiam cumprir sua quota por causa da seca. Passei algum tempo com dançarinos folclóricos de Zagreb, estudantes universitários pagos pelo governo para demonstrar o apoio do regime às artes folclóricas. Quando esses dançarinos folclóricos profissionais faziam uma festa, eles dançavam danças americanas modernas, ao contrário dos meus amigos suecos não remunerados que dançavam suas danças tradicionais por diversão. Observando o controle, pelo medo e pela intimidação, que permeava cada ação e pensamento desde o dormitório estudantil até as casas dos camponeses, revelou o oposto da liberdade. Não é de admirar que este ingênuo americano tenha sido preso cinco vezes em dez dias por fazer perguntas inocentes!

Famílias grandes ainda existem

Uma das experiências mais interessantes em Zagreb foi visitar fazendas com famílias extensas, algumas das quais tinham mais de vinte pessoas em uma casa. A matriarca ou o patriarca controlava todo o dinheiro da família. Um professor explicou que quando chegava em casa, ele dava todo o seu salário à sua avó ou ao tio-avô e em seguida tinha de pedir dinheiro para o cigarro. No inverno, todo mundo fazia algo útil e geralmente bonito. As jovens se sentavam aos seus teares, as avós faziam renda e os homens faziam móveis e arreios. E eu estava desfrutando da história pré-industrial. Excepto a polícia, estranhos me tratavam com bondade e generosidade. Parecia ser uma política do governo assediar os visitantes que não se comportavam como bons turistas. Pedir para visitar uma fábrica estava bem, mas perguntar aos agricultores sobre a distribuição governamental das suas colheitas era um tabu. Apenas por fazer perguntas, mesmo que não fossem críticas, detinham-me. Toda vez, depois de várias horas de interrogatório, eu era liberado, nunca preso. Eu sempre tentava ser cauteloso, mas não conseguia evitar ser suspeito, exceto quando fui o convidado de um empresário de uma aldeia comunista. O último policial que me prendeu me convidou para ser seu hóspede, em sua casa.

Um estudante que iniciou uma filial da Organização Internacional de Estudantes foi expulso da escola. Uma professora, que ensinava esperanto para sua turma, foi punida na frente de seus alunos. Isto não era a ação da ocupação russa ou alemã, mas opressão americana. Costas Voumas, um estudante que morava com sua família num casebre de chão de terra batida, se ofereceu para ser representante local de Servas, mas ele nunca teve permissão para criar uma lista de anfitriões.

Vizinhos hostis

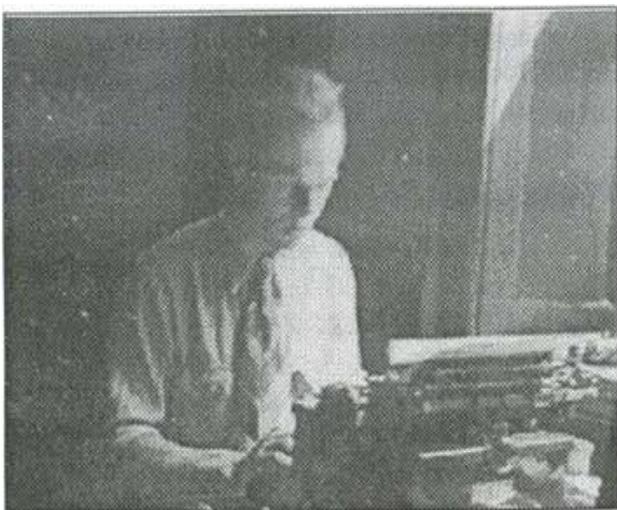
Passar da Grécia para a Turquia teria sido fácil se eu tivesse seguido a rota turística por Istambul, mas pensei que uma rota mais pitoresca seria ir de barco pelas ilhas do Mar Egeu. Em Pireus, o porto de Atenas, depois de pesquisar por dias, percebi que quase não havia rotas comerciais entre a Grécia e a Turquia. Os dois países eram inimigos jurados de longa data. Finalmente peguei um pequeno barco cargueiro, que navegava quando o vento estava bom e usava motores a gás quando não estava. Por três dias, nos movemos para dentro e para fora das ilhas. Quando o vento estava muito forte e as ondas colocavam em risco os sacos de farinha no convés, procurávamos abrigo na enseada mais próxima. Eu fui autorizado a pilotar a pequena embarcação numa parte do trajeto. A

dieta simples de verduras e peixes era saborosa e exatamente aquilo por que o meu organismo ansiava. Mas isso foi a minha perda. Embora estivesse a apenas cinco quilômetros da costa da Turquia, passei uma semana lá antes de atravessar. Nunca fiquei tão frustrado com um canal estreito e de águas calmas.

Criação de celeiro

A Turquia era um país mais feliz, com uma mentalidade bem diferente. Embora derrotados na guerra, estavam longe de estar com o espírito abatido. O mais interessante para mim foram as vilas onde os camponeses tinham tradições antigas de ajuda entre vizinhos. Na verdade, uma das histórias para que Saroyan me havia alertado.

Um dia, meu guia e eu caminhamos por milhas através de uma planície de vegetação rasteira, uma antiga floresta destruída milênios antes. Na vila havia uma escola muito bem construída. Meu guia traduziu a formidável história dessa escola, recontada por um dos habitantes da vila. Sem receber nenhum pagamento pela contribuição em material e pelo trabalho, os habitantes da vila tinham construído o edifício porque o governo lhes havia prometido um professor. Também contaram como, em cada primavera, os habitantes consertavam o alimentador de irrigação dos canais sem receberem qualquer compensação pelo trabalho, exceto, claro, o uso compartilhado da água. Também explicaram que, na maioria das aldeias, havia um alojamento gratuito para viajantes turcos, mantido pelo chefe da vila. Os turcos tinham um sistema de Portas Abertas, centenas de anos antes de Servas ter sido imaginado.



Bob Luitweiler, redigindo o primeiro Manual de Servas
Birmingham, Inglaterra

A vila onde fiquei, perto da estação ferroviária, tinha suas próprias histórias. Uma família que se mudou para lá para montar um pequeno empório não conseguiu ganhar o suficiente para se manter durante o inverno. Apesar de serem forasteiros, um possível ponto contra eles, e de serem comerciantes, outro ponto contra eles, o chefe da vila realizou uma grande coleta, o suficiente para ajudá-los a ultrapassar os rigorosos meses de inverno. Eles apontaram para uma casa que tinha ardido e contaram orgulhosamente como os moradores haviam reunido materiais e, também com trabalho voluntário, conseguiram reconstruí-la em tempo recorde.

Espero que algum dia haja muitos livros sobre as histórias das pessoas. Onde quer que eu vá, descubro velhos costumes de cooperação e ajuda mútua, práticas de generosidade e compaixão, que nem os meios de comunicação nem os livros de história, centrados na política, relatam. Quando

uma mente inquisitiva e otimista vagueia pelo mundo procurando os lados mais gentis da natureza humana, um novo mundo floresce. Criamos Servas para ajudar pessoas de mente aberta a ter experiências como essas. Queríamos ajudá-las a abandonar seus preconceitos míopes e absorver os corações calorosos das pessoas comuns.

É demasiado fácil visitar alguém da mesma classe ou profissão e reforçar um preconceito classista. Contudo, é muito mais recompensador descobrir a sabedoria de outras classes, como a destes camponeses. Mas estes costumes calorosos são somente revelados ao viajante que aprende a olhar mais além.

Um amigo que viajou comigo pela Tchecoslováquia, muitos anos depois, disse: "Bob, é terrível viajar contigo. Não conseguimos chegar a lugar nenhum, porque você fala com todo mundo que passa na rua." (Naqueles dias, o alemão que eu falava era quase universalmente entendido na Boêmia). Eu respondi: "É verdade, mas você vem com alegria quando eles nos convidam para beber um chá lá em casa." Na Turquia, os professores da Escola Americana queriam ser representantes de Portas Abertas para esse país, mas eu senti que deveria ser um turco. Ainda me pergunto se isso não foi um erro, pois eles poderiam ter criado uma boa lista de anfitriões e depois ter entregue a um turco.

Uma jóia num mundo de compartilhamento e medo

Em Israel, entrei em contato com Joseph Abilea, uma jóia de pessoa, que lá assumiu a liderança de Servas por muitos anos. Ele foi violinista na orquestra sinfônica de Israel e mais tarde se tornou o maestro. Então, sua profunda simpatia pelos vizinhos árabes e a preocupação com o sofrimento deles o levaram a renunciar e a passar o tempo todo na Associação de Amizade Árabe-Israelense. Com ele e com outros pacifistas israelenses, trabalhando em vários kibutzim e visitando Martin Buber, escritor famoso e filósofo judeu, aprendi muito sobre o funcionamento interno, a história e os problemas desse país dominado pela tensão. Tive o privilégio de conhecer o pequeno grupo orientado para a paz em Israel, pessoas que colocam a humanidade acima da etnia. Eles eram bonitos e corajosos, muitas vezes enfrentando desafios insuperáveis. Joseph Abilea era um deles. Ele praticava a compaixão.

Cooperação sem coração

Minha atração pelo movimento Kibutz surgiu do interesse por sociedades de compartilhamento voluntário, de todos os tipos. As fazendas de treinamento para jovens sionistas que visitei em Nova Jérnia estavam vivas com jovens entusiasmados e dedicados. Ver esses idealistas que estavam ansiosos por viver em comunidades sem dinheiro, mesmo sendo de famílias voltadas para negócios, foi inspirador. Esse mesmo espírito eu esperava encontrar nos Kibbutzim. Infelizmente, foi muito diferente. O fanatismo, que tornou possível Israel, coloriu o idealismo de seus fundadores e a vida de suas comunidades. Economicamente, graças às enormes infusões financeiras americanas, o Kibutz prosperou e foi um dos fundamentos da produção agrícola israelense. Aqueles que viviam neles eram da classe alta. Um homem me disse que morava lá, não por qualquer desejo de estar em uma comunidade de compartilhamento, mas apenas porque isso lhe dava um padrão de vida mais alto.

No entanto, o compartilhamento compassivo não era forte. Em um Kibbutz, tive um episódio grave de diarreia. Eles me deram um pequeno quarto. Veio o médico, que falava inglês bem, mas não teve tempo nem para algumas frases de conversa. A comida foi entregue a tempo, sem uma

palavra. Aliás, eu podia me comunicar em alemão com aqueles que falavam ídiche e em espanhol com os judeus sefarditas, mas isso era inútil uma vez que ninguém conversava. O resto dos longos dias e noites quentes que eu ali fiquei, me senti mais solitário do que se tivesse ficado em uma caverna no deserto, porque nos sentimos mais isolados entre pessoas que não se comunicam do que sozinhos na natureza selvagem. As pessoas, que conversavam horas a fio a apenas três metros de distância, nunca pensaram em me perguntar como eu estava. Estando imobilizado não pude procurar por uma companhia amiga. Era uma mentalidade estranha para uma comunidade unida. Mais tarde, soube que minha experiência não era uma exceção.

Uma noite, quando fui conversar com os líderes de um Kibutz, fui encaminhado para um apartamento particular. Aqui, nessa sociedade igualitária, os líderes deleitavam-se com luxos dos EUA que ninguém mais no Kibutz tinha. Por toda a sua residência havia brinquedos americanos caros.

Pior que isso foi o isolamento não intencional, ainda que doloroso, experimentado por alguns dos membros do Kibutz. No começo, o plano era tornar o refeitório o centro comunitário. Para manter o silêncio, crianças não eram permitidas adentrar. As crianças israelenses, de famílias muito tensas, eram mais barulhentas do que as crianças de uma aldeia mexicana, por exemplo. As crianças eram criadas em quartos separados para crianças, onde seus pais as viam por algumas horas de noite e durante o Sabát. Mas essas comunidades cresceram para mais de mil membros e as salas de reuniões estavam longe de serem tranquilas e aconchegantes.

Quando as máquinas de café foram finalmente permitidas em salas privadas, os encontros de café se formaram espontaneamente em torno de vários grupos étnicos. Eles eram constituídos por judeus da cultura anglo-saxônica, de origem polonesa, romenos, indianos e assim por diante. Se alguém tivesse a infelicidade de vir de um país sem o costume de encontros para um café, era deixado de fora. Estar isolado em uma cidade onde você pode percorrer alguns quarteirões para encontrar amigos é uma coisa, mas no Kibutz isso não é possível. Indivíduos que infelizmente não pertencessem a um desses grupos se viam numa situação de exclusão. Eles estavam em uma sociedade que compartilhava tudo menos compaixão. Os judeus iemenitas, de pele escura, se viram tratados como pessoas inferiores, como uma espécie de racismo desenvolvido em sua sociedade idealista.

Em todo o mundo, existem grupos que tentam criar associações acolhedoras e a segurança das sociedades comunais das eras passadas. No entanto, nossos preconceitos e práticas de individualismo estão tão profundamente arraigados, que os carregamos para nossa comunidade planejada, como uma infecção por vírus. Refletindo sobre essa experiência, lembro-me com frequência que as pessoas ideologicamente motivadas podem se envolver tanto em sua causa que esquecem o verdadeiro espírito humano que motiva seus ideais. Missionários insensíveis, marxistas evangélicos, fundamentalistas de todas as religiões, muitas vezes falham em se relacionar com seus vizinhos mais próximos. Quantos anfitriões Servas, de Portas Abertas generosas para visitantes estrangeiros, prestam atenção aos refugiados ou estudantes estrangeiros, solitários na sua própria comunidade? Martin Buber, o famoso escritor e filósofo pacifista judeu que acreditava sinceramente na ideia de comunidade me disse. "No *Kibutz*, existe a forma de comunidade, mas não o espírito. A mecânica funciona tão perfeitamente que esquecem a humanidade."

Fugir para novos mundos

A próxima etapa da minha jornada foi um curto passeio de balsa para Chipre, uma encantadora ilha que fazia lembrar as do Mar do Sul, apesar do conflito subjacente entre os residentes gregos e turcos. Frequentemente, esses conflitos étnicos, tão comuns em muitas partes do mundo, são provocados por grupos políticos, que usam as pessoas humildes em sua comunidade, para seus

próprios propósitos egoístas. Aluguei uma bicicleta e visitei grande parte da ilha, visitei pessoas de diferentes culturas, nadei em águas cristalinas e aproveitei a atmosfera calma da sombra das árvores. Em todo lugar as pessoas eram gentis e amigáveis. A pausa de Israel, em tensão, era um enorme alívio. De lá, o caminho para leste tinha sido bloqueado, porque nenhum país árabe deixaria passar alguém que tivesse visto de Israel em seu passaporte. Mas pensei que poderia pegar um navio a vapor para a Índia, desembarcar em Chipre, que estava no caminho. Era eu ingênuo! Naturalmente, a uma curta distância ao sul, no porto de Suez, havia centenas de navios que precisavam parar no caminho através do canal de Suez. Contudo, isso estava fora de questão para uma pessoa com visto israelense. Disseram-me que a única maneira de pegar um navio a vapor para a Índia, era voltando para Itália.

Porto beduíno

Acabei fazendo algo que raramente fazia: dessa vez fui de avião e sobrevoei os inimigos de Israel e aterrissei no Kuwait, que era então um protetorado britânico. Naquela época, era pouco mais que um porto beduíno coberto de vegetação, um antigo centro de contrabandistas. Havia o Castelo da família real, protegido por altas muralhas, alguns prédios antigos e nômades acampados nas proximidades. O dinheiro do petróleo estava apenas começando a transformá-lo. Algumas "casas" eram apenas quatro estacas na areia, com tapetes em três lados e um tapete sobre a areia, para abrigar uma família inteira. Por outro lado, os trabalhadores das petrolíferas europeias tinham alojamento com ar-condicionado e clube. Os mecânicos da Índia tinham dormitórios de madeira muito quentes. Exceto pelo longo cais, o local mantinha o seu ar arcaico. Na minha primeira noite, o lugar estava tão fervilhante de pessoas que eu mal conseguia dormir. Quando saí para a rua no dia seguinte, não havia ninguém à vista. Então percebi que as pessoas dormiam no calor do dia, e trabalhavam no fresco da noite. Ocidentais, ignorantes como eu, deram origem à expressão "Cães loucos e ingleses andam sob o sol do meio-dia".

Vagabundo entre os peregrinos

A viagem para Karachi no convés foi uma aventura ao interior da vida familiar muçulmana. Meus companheiros de viagem, que eram peregrinos que retornavam de Meca, me deram a oportunidade de conhecer a vida familiar muçulmana, algo raro em uma sociedade de mulheres com véu. Uma das coisas mais importantes que um muçulmano pode fazer é uma peregrinação a Meca antes de morrer. Voltar para casa é menos importante. Por causa desse costume, o navio parou brevemente várias vezes para sepultar no mar os corpos dos peregrinos idosos, que morriam na viagem de volta.

Encontrei um bom lugar para o meu saco de dormir na escotilha da proa, longe da fumaça do navio e do convés de aço duro, sem saber que esse era o espaço tradicional de oração. Nas primeiras horas da manhã, horário da primeira de várias orações do dia, fui chutado nas costelas e fui ordenado a sair. Nas manhãs seguintes os peregrinos devotos realmente oraram com um infiel a seus pés. Teria eu transmitido vibrações a comunicar que me considerava um irmão embora não fosse da mesma religião deles? Minha ignorância de seus costumes religiosos levou a piores deslizes. Dormir no espaço de oração não era nada, comparado a fotografar a família. Dois tabus foram quebrados ao mesmo tempo. As fotografias são consideradas equivalentes a adoração de imagens. As fotos reveladas de suas mulheres eram ainda mais ofensivas. Por que, em alguma noite escura, eles não me jogaram no mar com seus falecidos avós, eu nunca vou saber.

Paquistão

Apesar de ter passado três meses no Paquistão e ter trabalhado num campo de trabalho pela Paz em Karachi, onde construímos casas para refugiados, não consegui estabelecer qualquer contacto de utilidade para Servas. Em Peshawar visitei o irmão do homem conhecido por “Ghandi da Fronteira”, Kahn Abdul Gafar Khan. Quando cheguei ele ficou algo nervoso e acabei por descobrir que era porque se encontrava em prisão domiciliária. Kahn Abdul Gafar Khan, que tinha sido um colaborador próximo de Gandhi, estava na prisão.

A verdadeira aventura foi uma viagem ao Principado de *Swat*, um estado isolado e semi-autónomo, no sopé dos montes Himalaias. Quando pedi o visto de entrada, o funcionário perguntou-me se eu era jornalista ou cientista. Como lhe respondi que nem uma coisa nem outra, o funcionário recusou-se a conceder-me o visto. “Se estivesse no meu lugar, o que faria?” perguntei-lhe. Respondeu-me, sem hesitar, “Partia imediatamente”. Uma viagem longa e tumultuosa de autocarro transportou-me a um dos sítios mais interessantes que já visitei, um local onde se vivia sob costumes medievais. A ponte, sobre um desfiladeiro de 30 metros, era de pedra e em arco, sem recurso a materiais modernos. As poucas casas eram todas feitas de pedras grandes, colocadas criteriosamente umas em cima das outras, coladas por barro. Peças em madeira, intrincadamente esculpidas, rodeavam cada janela e cada porta. Mas o mais fascinante, para mim, era o seu sistema económico.

Tinham uma moeda que não podia ser inflacionada, pois o seu dinheiro era o cereal com que faziam o pão. O seu sistema milenar de pagamento era em salários anuais, um sistema defendido por visionários modernos. Todos os anos, pela época das colheitas, o carpinteiro comunitário que fazia todos os arranjos nas casas durante o ano, era pago com uma dose fixa de cereal. Assim era também com o barbeiro, o casamenteiro e o pastor da Mesquita. Portanto, estas pessoas tinham serviços garantidos. Os especialistas tinham rendimentos garantidos. Quando fui pagar a minha conta de alojamento e alimentação, disseram-me que o Príncipe de *Swat* me tinha tornado seu hóspede. A conta já tinha sido paga. Agora arrependo-me de não ter dedicado mais tempo a conversar com ele e a aprender mais sobre os seus costumes e ideais.

O salário anual de cereais do povo *Swat* é somente um dos sistemas económicos de um povo. Os *kibbutzim* e outras sociedades comunitárias como as dos *Shakers* e *Hutterian* são outros. O sistema de ajuda mútua entre vizinhos nas aldeias turcas é também uma forma antiga de economia de partilha. De igual modo a encontrei nos criadores de ovelhas no País de Gales, nos pastores das montanhas da Noruega e nos pastores suíços. A maior parte das sociedades, que não ficaram reféns dos sistemas monetários nacionais e internacionais, possuem algumas facetas das economias não lucrativas indígenas. A rede mundial cooperativa de consumidores é a troca entre vizinhos, transposta para o mundo do dinheiro, mas ainda assim controlada democraticamente pelos consumidores através da filiação nas suas lojas locais.

Infelizmente os agentes do poder fizeram uma subtil lavagem cerebral ao povo, através do controle da imprensa popular e dos manuais escolares, fazendo-o acreditar na existência de apenas dois sistemas económicos. É por isso que a maioria das pessoas acredita que devemos escolher entre um sistema capitalista, movido pelo lucro, e um sistema comunista ou socialista administrado pelo Estado. Por outras palavras, espera-se que sejamos meros peões nas mãos de quem faz dinheiro, de comerciantes e czares da indústria ou burocratas do Estado socialista. Tudo faz parte do processo de limitar economicamente as pessoas, convencendo-as de que são impotentes, e portanto devem voltar para casa e ficar quietas, enquanto os poucos no poder enriquecem.

Aqui ao lado e mundos separados

A passagem para a Índia foi algo diferente. Naquela altura, indianos e paquistaneses não podiam cruzar as fronteiras respectivas. Estavam, tecnicamente, em guerra. O meu comboio chegou à última estação do Paquistão. Desci e tive que caminhar uma milha até chegar à fronteira. Aqui, estivadores indianos carregavam cachos enormes de bananas aos ombros até à linha de demarcação e atiravam-nos para os ombros de carregadores paquistaneses, pois nenhum deles tinha autorização para pôr o pé do outro lado da fronteira. Uns poucos anos antes, havia sido um só país, cujo nome deriva do Rio Indo, que agora percorria sobretudo o Paquistão.

A lógica indiana versus a lógica mecânica

Era uma linha invisível entre Lahore (Paquistão) e Amritsar (Índia). As pessoas dos dois lados do muro tinham os mesmos antepassados e a maior parte falava a mesma língua, contudo o raciocínio na Índia era tão diferente, que precisei de algum tempo para descobrir por que razão tantas vezes eu não conseguia comunicar. Lembro-me duma longa discussão sobre questões sociais com um seguidor de Gandhi, que falava um inglês melhor que o meu, contudo não nos conseguíamos entender. Levei semanas a perceber que a lógica deles era bastante diferente do que eu havia assumido como pensamento racional.

À medida que me fui libertando gradualmente da minha mentalidade ocidental, a sua lógica do coração tornou-se uma nova óptica de reavaliação. Na Física ou na Química, em que se consegue medir coisas em ambientes controlados, por exemplo usando água destilada nalgumas experiências químicas, a análise matemática funciona bem. A dificuldade surge quando os ocidentais tentam usar a lógica laboratorial para compreender os fenómenos sociais e a mudança social. Aqui, não existe água destilada e raramente um ambiente controlado. Numa experiência biológica podem existir centenas de variáveis. Numa situação social humana podem existir milhões de variáveis. O cientista treinado no Ocidente reduz o número de variáveis. A isto se pode chamar formulação do problema. Selecione umas quantas variáveis que considere mais centrais e descarte as outras. Então, tente analisar o seu problema com um número de variáveis mais fácil de gerir. Há só um problema: assim, distorceu a sua maneira de encarar o problema ao eliminar a maioria das variáveis, porventura muitas, e a conclusão pode estar mesmo errada. O *Baghavad Gita*, um dos textos sagrados Hindus, diz que há um entendimento maior do que aquele que advém duma mente lógica. Como pude constatar, os indianos encaram os problemas sociais, não através da matemática e estatística, mas através de sentimentos, compaixão, empatia e intuição. Pode-se argumentar com eles durante semanas, usando um processo de pensamento que pode parecer completamente racional para a nossa mente ocidental. Se a nossa conclusão não lhes parecer certa, menos significado ainda terá, para eles, o nosso raciocínio.

Pouco a pouco fui levado a admitir que, no que concerne a assuntos de teor social, a lógica do coração vence. Prova disso foi a minha experiência nos *kibbutzim*. Estas sociedades comunitárias funcionavam que nem relógios. Pareciam estáveis economicamente, parecia haver poucos atritos e a vida parecia decorrer em paz, mas para algumas pessoas que tinham crescido nos *kibbutzim*, essa não era uma boa forma de vida. A lógica do coração estava em falta. Infelizmente, no Ocidente, chamamos irracionais e ilógicas às mulheres porque elas usam a intuição e seguem a lógica do

coração. Será que é porque muitos americanos rejeitam a lógica do coração que, em várias partes dos EUA, gastamos mais dinheiro a construir prisões do que escolas?

A terra era a mesma. As pessoas pareciam iguais. Os seus idiomas eram parecidos, mas os seus ideais eram distintos. O Islão, na sua génese é uma religião dogmática, tal como o Cristianismo e o Judaísmo. Derivam todas dos antigos israelitas e do Antigo Testamento segundo os cristãos. O hinduísmo, o budismo e outras religiões resultam de preceitos diferentes. As diferenças nos valores da vida afectam profundamente as sociedades que dominam. Continuo a tentar entender esta sua sabedoria. Ela é, em muitas formas, totalmente diferente dos processos ocidentais de pensamento mecânico, em que quase é necessário recomeçarmos a vida noutra modo de pensamento para realmente conseguirmos acompanhar. Muitos cultos americanos fazem uma nova doutrina a partir dum pequeno detalhe, perdendo a sua visão holística.

O despertar espiritual

Apesar de possuir uma biblioteca cheia dos escritos de Gandhi, eu era um completo ignorante do seu teor espiritual, pois só conhecia o exterior e não o núcleo.

Acabei por ultrapassar a minha estreiteza de pensamento ocidental e percebi que no campo das relações humanas a lógica do coração é melhor do que a lógica aristotélica. Cada lógica tem o seu valor, desde que utilizada no seu âmbito apropriado. Foi uma lição difícil de aprender. Não há nada mais frustrante do que falar com alguém que fala a nossa língua melhor que nós, e falhar totalmente na comunicação, ainda mais quando nos consideramos pensadores muito lógicos e razoáveis. Felizmente que nos últimos cinquenta anos um número cada vez maior de pessoas começa a perceber esta lógica oriental da psique e do coração.

A terra de Gandhi

Ironicamente, apesar de eu ter viajado até à Índia para descobrir a aceitação, por este país, da não-violência de Gandhi, foi o nível muito mais profundo das percepções gandhianas que mudou a minha vida. Gandhi tinha a rara capacidade de ir até ao âmago dos problemas. Infelizmente o controle populacional ficou de fora. A sua compreensão da educação e do desenvolvimento comunitário rural era extraordinária. O mundo seria muito diferente se todas as agências e indivíduos que querem ajudar os povos do terceiro mundo tivessem adquirido nem que fosse uma ínfima parte da sua sabedoria. Gandhi bem compreendia que o primeiro passo para ajudar as pequenas aldeias rurais não seria atirá-las para o mundo comercial onde ficariam sujeitas aos caprichos dos negócios internacionais. Constatou ainda como, sob o *Raj* Britânico, algumas das melhores terras no Vale do Indo se tinham transformado em grandes plantações que produziam algodão para as fábricas têxteis de Inglaterra. Quando os panos regressavam à Índia, as mesmas pessoas que haviam trabalhado nas plantações não conseguiam reunir meios suficientes para os comprar. Tinham perdido as terras de onde obtinham a comida há centenas de anos. Havia perdido a vida agregadora da aldeia que os tinha embalado, a eles e aos seus filhos. Transformaram-se em destroços de um navio a afundar.

A Índia, o país de Gandhi, era muito diferente. Para compreender este subcontinente seriam precisas três vidas. É um emaranhado extraordinário de culturas e religiões, líderes espirituais fantásticos e conflitos comunitários intensos. Eu viajei em terceira classe, dormi em casas de camponeses feitas de barro e em centros gandhianos, ombro a ombro com os mais pobres e com os

mais ricos. O sofrimento e a fome, neste subcontinente apinhado, tinham transformado a sua crença na sacralidade da vida numa carapaça endurecida. A dor que o Gautama⁹ sentiu 2500 anos atrás, ao ver pela primeira vez um inválido e um pedinte teria sido cem vezes mais profunda se ele não tivesse abrigo como as pessoas normais, que não tinham para onde se refugiar. Em milhares de hectares cultivava-se algodão e chá, enviados para ricos países estrangeiros, enquanto quem cultivava morria à fome. Embora a busca pela iluminação espiritual permanecesse viva, como um ímã para quem a procurava, o odor a morte era omnipresente. Quando parei para ajudar um homem que estava a recuperar de um ataque epilético, os transeuntes perguntaram-me se eu era irmão dele. Quando numa aldeia pobre pus a minha mochila às costas para seguir Vinoba¹⁰, os locais ficaram surpreendidos por verem um “pele-europeia” transportar a sua própria bagagem. Pedi a um sapateiro, cuja oficina de reparação consistia num conjunto de utensílios estendidos no passeio, para consertar as minhas sandálias. Quando ele me pediu para deixá-las até ao dia seguinte, eu disse-lhe que não tinha outro par para calçar pelo que perguntei educadamente se podia usar as suas ferramentas de modo a não interromper o seu trabalho. Perante a visão de um “pele-clara” a trabalhar com as suas próprias mãos, fez com que parasse completamente de trabalhar.

Naquele lugar, talvez eu fosse o único “pele-clara” que eles tinham alguma vez visto, que estava pronto para partilhar com eles a vida, porém nos centros ghandianos havia muitas pessoas de vários países que tinham mergulhado as suas vidas no movimento ghandiano. Eram pessoas raras e excelentes que trabalhavam sem remuneração. Nunca na minha vida tinha conhecido tantas pessoas cuja vida havia sido transformada como nos *ashrams* de Gandhi. Nenhuma dessas pessoas saiu por aí proclamando que havia sido salva, ou sequer falou numa nova iluminação. Elas apenas viviam isso, silenciosa e alegremente. Para mim, esse movimento social, que criava círculos cada vez mais amplos de reconstrução rural, foi uma revelação. Sendo pois outro exemplo de construção da paz, o seu trabalho demonstrou como as vidas de um pequeno grupo de pessoas empenhadas podem influenciar uma sociedade inteira. Os fundadores do *Ashram* ghandiano vieram de habitações citadinas da classe média para viver em casas de barro. Eles comiam as dietas simples das comunidades agrícolas vizinhas e dedicaram as suas vidas à revitalização da Índia.

As crianças vizinhas de famílias analfabetas eram convidadas a frequentar as suas escolas, onde se costumavam sentar no chão de barro e escrever em lousas. Através das crianças, os *ashrams* alcançaram os pais e, através destes, promoveram programas inspirados em Gandhi para melhoria da pecuária, melhor tratamento das mulheres, melhor saneamento, fiação para as suas próprias roupas, melhor construção de casas e muitos outros tipos de reconstrução de âmbito rural.

O programa que ele inspirou tinha raízes em muitos cantos do país. Em Benares participei numa reunião fantástica, dos trabalhadores do Desenvolvimento da Aldeia. Vieram aos milhares de todos os cantos da Índia. Gandhi já não era vivo, mas tive o privilégio de conhecer muitos de seus colegas de trabalho mais próximos, os líderes do movimento. Eles dedicaram muitas horas a discutir o futuro do seu movimento. Achei notável o quão diferentes eles eram uns dos outros. Havia socialistas e anarquistas, intelectuais e educadores, economistas e agrónomos. Havia hindus de casta alta e excluídos hindus, *Harijans*, como Gandhi os chamava. Havia também muçulmanos, cristãos e ateus. O espírito magnético de Gandhi reuniu uma diversidade de pessoas, tão diferentes umas das outras como eu nunca tinha visto num só movimento. Enquanto ele foi vivo, havia uma harmonia notável entre eles. Embora continuassem a funcionar juntos, houve cismas e desvios sérios de propósito e direção.

Talvez seja inevitável que, quando um país se consegue libertar de um poder externo, as facções que trabalharam lado a lado pela independência iniciem novos conflitos. Em Israel, os *kibbutzim* dividiram-se ao meio, assim que conquistaram a independência. Surpreendentemente, o conflito não ocorreu entre aqueles que queriam educar os seus filhos como pensadores de mente aberta e aqueles que queriam doutriná-los. Não, ele ocorreu entre duas formas de doutrinação - aqueles que eram a favor do socialismo da URSS e aqueles que eram a favor do socialismo do Partido Trabalhista britânico. O ideal de incentivar as crianças a pensar por si mesmas nem sequer fazia

parte do raciocínio. Até as famílias se dividiam sobre essas questões de dogma, os pais mudavam-se para um *kibbutz* enquanto os seus filhos se mudavam para outro.

Os Centros de Desenvolvimento das Aldeias em toda a Índia - que ele chamou de *Ashrams* - inspiraram-me tanto quanto qualquer outro movimento por mim experimentado noutro lado. Cada centro rural era independente, detido e gerido pelo seu líder. Muitos desses líderes eram pessoas extremamente dedicadas que tinham abandonado vidas confortáveis na cidade, vendido as suas casas, e se tinham comprometido com o trabalho na aldeia gandhiana para o resto das suas vidas. Encontravam-se espalhados por todo o país mas ninguém sabia onde estavam ou sequer quantos eram. Por que gastar tempo a elaborar estatísticas quando há necessidades visíveis de desenvolvimento das aldeias - teriam provavelmente dito os Indianos com a sua lógica centrada nas pessoas.

Quando procurei uma lista de centros ghandianos de desenvolvimento rural, para lhes perguntar se gostariam de ser anfitriões Servas, descobri que não só essa lista não existia, como também ninguém sabia sequer quantos eram. Aqui deparei-me de novo com outro conflito entre a minha mente ocidental e a da Índia. Comecei então uma lista, perguntando aos líderes do *Ashram* se gostariam de ser anfitriões de Servas. Poder-se-ia escrever um livro fascinante sobre esse encontro em Benares, as diferentes personalidades que compuseram o movimento, e a sua influência no desenvolvimento do país nos anos seguintes.

Gandhi via o desenvolvimento das indústrias de aldeia como parte da libertação da Índia, mas foi desencorajado. Antes de ser assassinado, disse: "A Índia terá a sua independência, mas não a sua liberdade". Penso que com isso ele quis dizer que a Índia se separaria do domínio britânico, mas isso não traria a verdadeira liberdade a todas as pessoas que a almejavam. Ele compreendia muitas coisas acerca da liberdade das pessoas das zonas rurais. As aldeias precisam de ter indústrias viáveis usando equipamentos simples que os aldeões possam pagar. Muitos dos bens necessários deveriam ser produzidos pelos próprios aldeões, inclusivamente coisas que poderiam ser feitas de maneira mais eficiente em fábricas. A maior parte da sua comida deveria ser cultivada na aldeia.

As aldeias que controlam as suas próprias economias só podem ser livres se os líderes da aldeia se preocuparem com o bem-estar de todas as pessoas. O centro de desenvolvimento rural de Gandhi em *Wardha*, que ele chamou de *Ashram*, foi um complexo de indústrias de aldeia relativamente primitivas: prensavam óleo, fabricavam papel, mantinham diariamente rebanhos e grandes hortas e moíam os seus próprios cereais. Todos produziam algodão.

Com os seus colegas de trabalho, desenvolveu um sistema notável de educação infantil, o sistema mais holístico que eu já conheci. No centro do programa estava a escola das crianças com um sistema educacional notável.

No centro da aprendizagem estavam as várias capacidades práticas que as crianças adquiriam. Cada uma mantinha um diário e nele escrevia quantos gramas de fio tinha fiado em cada dia. Cada turma tinha o seu próprio governo e representantes eleitos. Ouvir os vários ministros da turma lerem o seu relatório mensal para depois a sua administração ser criticada por outros elementos da turma foi uma experiência nova para mim, especialmente quando me lembrei que as crianças vinham de lares analfabetos e muito pobres. Apesar de centrado em ofícios, este programa para crianças rurais não era unicamente vocacional. As atividades manuais ligadas aos ofícios eram utilizadas para conduzir as crianças à geografia e história mundiais, à leitura e escrita.

Através dos filhos dos trabalhadores do desenvolvimento rural, as ideias chegaram aos pais e através dos pais influenciaram a vida do país. Como a maioria das pessoas na Índia eram aldeões, Gandhi alcançava a massa das pessoas, não através de uma abordagem em massa mas sim pelo contacto individual com cada pessoa. Infelizmente, a sociedade indiana influenciada pelo ocidente tinha pouca fé nesta sua abordagem simples centrada nas aldeias. Passou-se à industrialização do país, utilizando em muitos casos métodos destrutivos para o ambiente. Se se tivesse seguido o plano elaborado por Gandhi e pelos seus sábios colegas de trabalho, a Índia poderia ter desenvolvido uma sociedade modelo, sustentável e bem alimentada apesar da sobrelotação

populacional. Gradualmente, os elevadores de água e prensas de óleo alimentados por bois teriam sido atualizados para dispositivos movidos a energia solar. Os seguidores de Gandhi estavam a desenvolver geradores de metano de baixo custo, que transformavam esterco de vaca em composto e gás de cozinha. O seu sol intenso é uma excelente fonte de energia para cozinhar e gerar eletricidade. Em vez disso, em 1950 metade do orçamento nacional foi utilizado para comprar ou construir equipamento militar.

Os indianos chamaram esse movimento, centrado na aldeia, de Programa Construtivo Gandhi, para distingui-lo da sua luta pela independência e não-violência. Incentivou as pessoas a serem fiéis ao melhor da sua própria cultura e a tornarem-se mais auto suficientes, em vez de trabalharem para uma empresa estrangeira. Todos aqueles que investigam programas de desenvolvimento rural na Índia elogiam agora os excelentes resultados conseguidos pelos centros ghandianos. No entanto, eles estão presentes apenas numa pequena parte da Índia. Gandhi era praticamente uma voz no deserto no que diz respeito a trazer a não-violência à Índia, ou a despertar o país para a importância de se desenvolver um sistema económico alternativo. Os indianos, como muitos outros povos, gostam de ter um guru que ilumina o caminho e faz brilhar a tocha na escuridão para que o possam seguir cegamente. Muitos escutavam as suas reuniões noturnas de “oração”, enquanto ele se esforçava por explicar a sua filosofia, mas poucos interiorizaram o significado das suas mensagens. Ele acendia uma luz no meio de tempos muito conturbados. Depositaram confiança nele. Quando foi assassinado, procuraram outro líder para seguir sem pensar, mas não havia ninguém para substituí-lo.

Vinoba Bhave, que viveu na sombra de Gandhi até à sua morte, era um génio e um homem de fé, mas nunca conseguiu suscitar o entusiasmo do seu povo como Gandhi tinha conseguido. Bhave desenvolveu muitos tipos de dispositivos engenhosos para as aldeias. Penso que terá tido alguma responsabilidade no excelente programa escolar para as aldeias de Gandhi. Durante vários dias, caminhei com ele e os seus seguidores enquanto andava de vila em vila pedindo aos que tinham grandes parcelas de terra que doassem algumas delas aos pobres. Nalguns sítios, conseguiu fazer aldeias inteiras juntarem-se e realocar as suas terras.

Gradualmente, entendi o significado do raciocínio holístico e como é essencial encontrar soluções para os nossos desafios sociais e biológicos complexos. A Índia revelou uma percepção totalmente nova para mim. Comecei a ver o mundo de maneira diferente.

Em apenas seis meses, tive experiências de toda uma vida. Tornei-me amigo do santo professor de religião comparada do antigo centro educacional de Tagore. Conheci alguns dos mais próximos seguidores de Gandhi e caminhei com Vinoba Bhave e a sua comitiva, que estavam a reunir terras para os sem-terra. Vários *ashrams* ghandianos concordaram em ser anfitriões Servas. Todos os que visitei me deram novas perspectivas sobre desenvolvimento rural. Em Benares, participei numa grande reunião de trabalhadores comunitários de toda a Índia que se inspiravam em Gandhi. A cena da oração da manhã de inspiração ghandiana, onde homens com educação universitária estavam sentados em silêncio perto das rocas do algodão, enquanto os camponeses observavam com admiração, parecia uma inversão de papéis. Nessa reunião, conheci um homem notável que me convidou para ir ao seu centro, onde estava a iniciar um extenso programa de desenvolvimento rural junto de algumas tribos isoladas e esquecidas das montanhas. Este homem insistiu em ser secretário de Servas na Índia, e durante muitos anos manteve essa posição, recorrendo muitas vezes a essas pessoas de todo o mundo em visita ao seu centro de desenvolvimento rural para atualizar as listas de anfitriões de Servas da Índia.

A primeira Conferência Internacional de Servas

Depois de três meses no Paquistão e seis na Índia, recebi uma carta de uns amigos meus, de Birmingham, anunciando a primeira conferência internacional dos Construtores da Paz (Servas) e pedindo que eu participasse.



Primeira Conferência Internacional de *Peace Builders*, Hamburgo, Alemanha, de onde saiu o nome "Servas" (1952). Da esquerda para a direita: Folke Hertling, Alemanha, Chris Smith, Reino Unido; Nana Fundar, Dinamarca, Claus Weiss, Alemanha, Leticia Grove, Bob Luitweiler, EUA, Dagny Ingvorsen, Esma Burroughs, Connie Jones, Reino Unido, August Budinski, Helut Hertling, Alemanha e Krisun Ingvorsen, Dinamarca

Devo continuar a minha viagem planeada pelo sudeste da Ásia, Filipinas e Japão ou retomar os meus passos de volta à Europa? Cancelei os meus planos de continuar a volta ao mundo e embarquei no próximo navio de volta à Europa. O primeiro encontro internacional de Servas realizou-se na casa de Claus Weiss e dos Hertling, perto de Hamburgo. Gertraud Hertling, que plantou a primeira semente do nosso programa, não estava lá, mas o pai dela nos acolheu como sua família. Somente Inglaterra, Dinamarca e Alemanha estavam oficialmente representadas. Além de concordar com alguns procedimentos básicos, decidimos um nome para o nosso programa. Esther gostou de "Portas Abertas". Eu gostei de "Peace Builders", mas não me agradava um título em inglês. Esma Borroughs, o primeiro secretário internacional de Servas, escolheu "Servas", que é a palavra em esperanto para "servir", no tempo presente. Todos concordamos. O pensamento era que as pessoas que viajavam aprenderiam com seus anfitriões como poderiam servir de maneira mais eficaz nas suas comunidades de origem, para desenvolver programas e relações humanas livres das sementes da guerra. Em nenhum momento alguém sugeriu que escolher o nome Servas significava que abandonaríamos o nosso propósito original de construir a paz.

A história de que escolher o nome Servas significava que desejávamos alterar o objetivo do nosso programa está errada. Só queríamos um nome mais internacional do que Peace Builders, que era exclusivamente inglês. Quando voltei da Índia, Claus Weiss e os seus colegas Joachim Wessloh e o irmão de Gertraud, Volker, tinham estabelecido um comitê de trabalho alemão e já haviam reunido cerca de 40 endereços de anfitriões. Joop van der Spek estava liderando o programa na Holanda. Nana Funder, que tinha uma excelente pré-escola na Dinamarca e foi uma viajante Servas nos EUA, juntamente com Kristen Ingvorsen, uma fabricante de telhas, geriram Servas na Dinamarca durante muitos anos. Nesses primeiros anos, a liderança de Servas, na maioria dos países, mudou com frequência.

O futuro de Servas

Se pudéssemos incentivar todos os viajantes de Servas a descobrirem as recompensas das viagens de “questionamento” que podem levar a um conhecimento que muda a vida, reacenderíamos a visão que inspirou inicialmente Servas. Naquela época, chamamos de sistema de trabalho-estudo-viagem. Podemos entender melhor o que faz uma sociedade ser o que é hoje e o que será amanhã. Podemos ver com mais clareza que as comunidades em que vivemos não são principalmente o resultado de batalhas contra políticos e sua postura. São as somas de nossas vidas pessoais, nossos modos de ganhar a vida, nossos relacionamentos com nossos vizinhos e nosso contato com as pessoas necessitadas próximas e distantes. Descobriríamos a importância das nossas ações, pequenos cidadãos, na construção de um futuro mundial mais são. Não estaríamos mais na fila de trás do teatro, tentando entender as falas dos atores. Nós saberíamos que somos parte do drama. Eu não acho que precisamos ser estudantes de sociologia para descobrir que aprender sobre movimento social é emocionante e revela de modo mais profundo uma comunidade. Como cidadãos de um mundo conturbado, podemos fazer a diferença, porque tudo o que fazemos é criar a sociedade do futuro. Podemos pensar que estamos apenas assistindo um drama de nossas cadeiras de teatro, mas, de fato, fazemos parte do drama da vida humana. A humanidade do mundo é mais do que apenas família. Precisa de nós. Devo dizer que precisamos da ajuda uns dos outros, se quisermos construir o tipo de mundo em que queremos que nossos netos floresçam. Não acho que exista nenhum "ismo" que tenha a maioria das respostas. No entanto, cuidado e compaixão têm. Se esses sentimentos forem incorporados em nossos modos de vida, em nosso compartilhamento com os mais necessitados, em nossa participação ativa nos movimentos que buscam promover um mundo mais habitável, um mundo mais gentil é possível. Se cada um dos cerca de 15.000 anfitriões organizasse festas interculturais regulares como as que tivemos em Birmingham e Jerusalém, poderíamos alcançar, em alguns anos, treze milhões de pessoas e ajudá-las a descobrir quão bonita a família humana pode ser quando apreciamos a rica cultura uns dos outros. Poderíamos acabar com os preconceitos que os agentes do poder usam para fazer com que vizinhos na Bósnia, Israel, Ruanda e Urundi, Jugoslávia e Sérvia e cidades dos EUA se destruam mutuamente. Essas festas não nos custariam nada, a não ser um pouco de tempo e esforço. Não teriam que ser numa casa, mas poderiam ser nos fundos de um café ou restaurante, geralmente disponíveis gratuitamente se pedirmos a comida deles, ou mesmo fora de casa num piquenique. Podem resultar em muita diversão, música, histórias e novas amizades. Servas, talvez mais do que uma típica organização hierarquizada, depende de seus membros para ser bem sucedida. Aqueles que nada fazem, exceto esperar pelos viajantes, não estão ajudando a resolver nossos problemas. Aqueles que fazem amizade com estudantes universitários estrangeiros próximos a eles, estão fazendo contatos com jovens que podem se tornar bons viajantes de Servas. Aqueles que escrevem histórias em periódicos, que chegam ao tipo de pessoa que não apenas viajantes que procuram hospedagem barata ou turistas superficiais, mas pessoas que se preocupam com o futuro do nosso mundo, e querem aprender como contribuir de modo que faça a diferença.

Concluindo

Desde que comecei a escrever *The Seeds of Servas*, percebi que, embora não houvesse uma rede de anfitriões Servas, minha viagem à Índia me deu uma ideia do quão emocionante pode ser uma viagem para o viajante que coloca perguntas que o fazem conhecer mais profundamente as

comunidades visitadas. Eu posso, portanto, ser considerado um idealista. Talvez um dia, quando terminar meus outros livros, eu escreva um livro sobre os incríveis anfitriões Servas que conheci. Melhor do que isso seria você conhecer esses mesmos anfitriões e, fazendo as perguntas certas, descobrir o quanto eles têm a oferecer para ampliar sua perspectiva. Visitei um anfitrião em Idaho que, com sua esposa, viveu como beduíno na Arábia Saudita. Por horas, ele me fascinou com sua narrativa de viver nesta sociedade. Embora eu tenha estado próximo de uma tal sociedade, eu mal a compreendia. Quando terminou, ele disse: "Sabe, eu tive muitos visitantes Servas, mas você foi o único que ouviu nossas experiências na Arábia". O desejo de encontrar respostas me seguiu ao longo da vida, e me levou a estudar e participar de muitos movimentos sociais. Percebi, cada vez melhor, que o caminho para uma paz duradoura vem principalmente de uma população desperta. Não há atalho. A propaganda, a ação política e todas as organizações que eles gerenciam apenas influenciam as pessoas temporariamente. Organizações associativas e partidos políticos ou batalhas entre campos ideológicos podem estimular o pensamento, mas raramente lidam com as causas fundamentais da guerra. Gradualmente, percebi também que os frutos da paz estão profundamente enraizados nas nossas maneiras de viver. Nossa disposição de compartilhar de maneira mais equitativa os recursos de nosso planeta lotado, nossa aceitação da diversidade e o respeito a todos os povos, são a raiz da paz. Quando uma comunidade atinge esse nível de maturidade, os políticos têm de se cuidar. Com essa perspectiva, comecei a estudar os movimentos sociais que despertaram comunidades inteiras. Isso me levou ao movimento rural dinamarquês de educação de adultos. Estudei todos os livros disponíveis em inglês e cheguei à conclusão de que havia apenas uma maneira de entendê-lo: aprender dinamarquês e frequentar uma de suas escolas. O segundo movimento que planejei experimentar nesta viagem foi o do *kibbutz*. Minha crença na importância de compartilhar me levou às comunidades coletivas de Israel. Suas comunidades eram um modo de vida duradouro ou uma fase passageira no estágio pioneiro de uma nova povoação? O terceiro movimento que eu queria conhecer em primeira mão foi o maior movimento não violento da história - a luta pela independência liderada por Mahatma Gandhi. Mesmo antes de chegar à minha escola dinamarquesa, descobri que esses movimentos eram apenas etapas na minha jornada de despertar. Todos os lugares, pelo caminho, tinham sérias lições, experiências, que adicionavam novos tons à minha visão panorâmica. Alguns chegaram a revelar as minhas percepções emaranhadas. Assim, fui levado a vagabundear da Noruega para a Índia com a mente inquisitiva de quem buscava. Isso me deu uma educação invejável. À medida que imergia e aprofundava cada experiência, a peça desorganizada do quebra-cabeças começava a criar uma imagem. Comecei a perceber como tudo está totalmente interconectado - como as relações sociais, econômicas, políticas e pessoais não apenas se encaixam em um mundo complexo, mas cada pequeno acontecimento envia uma ondulação por todo o oceano da sociedade humana. Tudo tem uma causa e um efeito. Nada acontece isoladamente. Pouco a pouco, descobri a totalidade da família humana global, seus aspectos inspiradores e deprimentes e sua total interdependência. Fui atraído para uma missão ao longo da vida, uma missão que ainda estou cumprindo e que me mantém jovem aos 81 anos.

AS SEMENTES DE SERVAS

NOTAS

¹-pág 6 - O número de anfitriões Servas em 2020 é de aproximadamente 16.000 pessoas e lares.

²-pág 9 - Objector de consciência é uma pessoa que se opõe ao Serviço Militar ou às Forças Armadas, devido a motivos religiosos, éticos ou de moral

³-pág 10 – *Folk High Schools*, Universidade popular ou Escola Superior Popular é um tipo de instituição de ensino para adultos e pessoas de limitada condição de acesso ao ensino primário, secundário e superior, seja por questões financeiras ou por motivos pessoais ou ainda devido à distância a maiores centros de ensino superior (via wikipedia)

⁴-pág 15 – *Settlement houses*- O movimento de assentamento foi um movimento social reformista que começou na década de 1880 e atingiu o pico na década de 1920 na Inglaterra e nos Estados Unidos. Seu objetivo era aproximar os ricos e os pobres da sociedade, tanto na proximidade física quanto na interconectividade social (via wikipedia).

⁵- pág 19 – *Dirt farms*, pequenas quintas de famílias de agricultores, com poucos ou nenhuns assalariados

⁶- pág 19 – *Conrail*, formalmente a Consolidated Rail Corporation, foi a principal ferrovia da Classe I no nordeste dos Estados Unidos entre 1976 e 1999.

⁷- pág 24 - O Movimento Esperantista é um movimento social que pretende divulgar o idioma Esperanto no mundo, seja para promover a paz mundial, para comunicar com pessoas noutros países, para organizar os trabalhadores através do mundo (principalmente os anarquistas), ou por motivos religiosos. Visa promover a igualdade linguística.

⁸- pág 26 – Em 2020, data da publicação desta tradução, as listas de anfitriões já não são em papel mas sim em formato digital, na plataforma www.servas.org

⁹- pág 37 - Sidarta Gautama, também conhecido por Buda

¹⁰- pág 37 - Vinoba Bhava, considerado o sucessor espiritual de Mahatma Gandhi, foi um defensor da Não-Violência e dos Direitos Humanos na Índia. Prometera a Gandhi continuar a obra dele.



Fotografias originais e gentilmente cedidas por Claudia Joenck: celebração do 50º aniversário de Servas, em São Francisco, EUA.
Claudia Joenck (Servas Brasil) em ambas as fotos com Bob Luitweiler.